

SABER

Cooperar

A revista do cooperativismo

Ano XIV – Nº 30 // ABR/MAI/JUN 2020



Sistema**OCB**
CNCOP - OCB - SESCOOP



Tempo de inovar

Vitória da cooperação

Congresso aprova 37
pautas cooperativistas
durante isolamento social

Rumo ao futuro

Sua cooperativa já tem
um agente de inovação?
Deveria...

Conexão internacional

Como o setor está
combatendo a Covid-19
ao redor do mundo

TRABALHO conjunto

contratação de serviços abertos pela Prefeitura de Porto Alegre e ganhou. Desde então, vence sucessivas licitações e — pela qualidade dos serviços prestados — tem contratos suficientes para garantir emprego, renda e qualidade de vida a centenas de cooperados.

Nós, do Sistema OCB, não apenas acompanhamos essa história. Nós estivemos ao lado da Cootravipa e de todas as cooperativas do ramo Trabalho e Produção de Bens e Serviços nesses processos, trabalhando pela construção de um marco legal que garantisse a participação das nossas cooperativas nos editais de compras públicas. Uma vitória muito importante para o setor, que reforça a importância do nosso trabalho de representação institucional.

Por fim, nesta edição, mostramos como as cooperativas brasileiras têm conseguido se reinventar em tempos de pandemia. Muitas começaram a vender pela internet, outras repensaram os produtos e algumas foram ousadas o suficiente para rever o modelo de negócios, migrando 100% de seus serviços para o ambiente virtual. Uma verdadeira revolução, apoiada pelos novos produtos e serviços da Casa do Cooperativismo — que também está usando a internet para ficar cada vez mais próxima de seus cooperados.

Um forte abraço e boa leitura!

Márcio Lopes de Freitas
Presidente do Sistema OCB

Números desta edição

23 cooperativas citadas de

6 países
China, Índia, Itália, Quênia, Brasil e África do Sul

14 estados brasileiros das

5 regiões do Brasil.
Juntas, elas representam

5 dos **7** ramos do cooperativismo:

- Agropecuário
- Crédito
- Saúde
- Trabalho, Produção de Bens e Serviços
- Transporte

COMO ACESSAR OS RECURSOS MULTIMÍDIA



Tendo o aplicativo de QR Code instalado em seu celular, basta abri-lo e direcionar a câmera do aparelho em direção ao código.

Escaneie e espere o aplicativo direcioná-lo para o conteúdo.

O Dia C 2020

criou uma grande corrente do bem por todo o país.

+1 milhão

de pessoas alcançadas nas redes sociais

+140 mil

pessoas beneficiadas até o momento

+1.800

iniciativas inscritas

E os números não param de crescer.

Celebramos on-line, mas a transformação foi bem além das telas. Confira aqui:

youtube/somoscoop

instagram/somoscoop

facebook/somoscoop

**SESCOOP
CONSELHO NACIONAL**

- Márcio Lopes de Freitas – presidente

REPRESENTANTES OCB

Região Centro-Oeste

- Celso Ramos Régis – titular
- Remy Gorga Neto – suplente

Regiões Norte e Nordeste

- Ricardo Benedito Khouri – titular
- Malaquias Ancelmo de Oliveira – suplente

Região Sudeste

- Ronaldo Ernesto Scucato – titular
- Carlos André Santos de Oliveira – suplente

Região Sul

- Luiz Vicente Suzin – titular
- Leonardo Boesche – suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

- João Edilson de Oliveira – titular
- Luizita Fonseca Leite Pina – suplente

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- Fernando Henrique Kohlmann Schwanke – titular

Ministério da Economia

- Alberto Alves Silva de Oliveira – titular
- Andréia Lúcia Araújo da Cruz de Carvalho – suplente
- Dênio Aparecido Ramos – titular
- Alex Pereira Freitas – suplente
- Gabriela de Souza Valente – titular
- Roberta Carolina Rios Bosco Soares – suplente
- Carlos Felipe Alencastro F. de Carvalho – titular
- Joel Amaral Júnior – suplente

CONSELHO FISCAL DO SESCOOP

REPRESENTANTES DA OCB

- José Arilo Carneiro Pereira – titular
- André Pacelli Bezerra Viana – titular
- Ary Célio de Oliveira – suplente
- Jeferson Adonias Smaniotto – suplente

Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas

- Evaristo Lunz Gomes – titular

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- João Francisco Adrien Fernandes - titular
- Juliana Felício dos Santos - suplente

Ministério da Economia

- Ricardo da Costa Nunes – titular
- Luciana Maria Rocha Moreira – suplente
- Alessandro Roosevelt Silva Ribeiro – titular
- Rogério Nagamine Costanzi – suplente

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** – órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** – entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, pelo fomento e pela defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** – integrante do Sistema S, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



Leia essa e outras edições escaneando o QR code acima ou acesse nosso site: www.somos.coop.br/nossas-historias/

A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, realizada com recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e distribuída gratuitamente em todo o Brasil.

Gerente de Comunicação:

Daniela Lemke

Conselho Editorial:

Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Maria José de Andrade Leão, Renato Nobile, Rosana Vargas, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanello

Jornalista responsável: Gisele James

Colaboração: Gabriela Prado, Aurélio Prado, Ana Suelen Troiano e Iago Carvalho

Projeto gráfico e editorial:



Edição: Guaira Flor

Diagramação: Isabela Mota

Reportagens: Débora Brito, Lilian Beraldo, Mariana Fabre, Morillo Carvalho, Paula Andrade, Raquel Sacheto e Tcherena Guimarães

Ilustrações: Kleber Sales

Revisão: Luciana Pereira

Impressão: Mais Soluções Gráficas Eireli ME

Tiragem: 12 mil exemplares

Sistema OCB: Setor de Autarquias Sul – SAUS Qd. 4 Bl. “I”
CEP 70070-936 – Brasília-DF (Brasil) – Telefone: +55 (61) 3217-2119
E-mail: revistasabercooperar@sescoop.coop.br

NESTA Edição



6

Entrevista

QUAL SERÁ O LEGADO DESTA PANDEMIA?



12

Inovação

SUA COOPERATIVA JÁ TEM AGENTES DE INOVAÇÃO?



De olho no mercado

34

TRABALHAR É UM DIREITO



40

Conexão internacional

TODOS CONTRA UM

Três Poderes

CONQUISTAS DA COOPERAÇÃO



52

Especial

CORRENTE DO BEM



58

Somos Coop
CONEXÃO DIGITAL



22



Melhores práticas

COOPERAÇÃO PARA SALVAR VIDAS

Perfil

EDIS MATSUMOTO



47



Artigo

ROBERTO RODRIGUES

64

QUAL SERÁ O

Legado

DESTA PANDEMIA?

CONVIDAMOS DOIS
PRESIDENTES DE
COOPERATIVAS, DE RAMOS
DIFERENTES, PARA ANALISAR
OS IMPACTOS TEMPORÁRIOS
E PERMANENTES DA COVID-19
NO BRASIL, NO MUNDO E NO
COOPERATIVISMO

Eledir Pedro Techio,
presidente da Sicredi
Ouro Verde MT

Orestes Pullin,
presidente da
Unimed do Brasil

ILUSTRAÇÃO: KLEBER SALES



Por Paula Andrade

Tudo aconteceu muito rápido. Começamos 2020 ouvindo falar de um novo vírus que estava matando pessoas lá na China. Aparentemente, algo muito distante da nossa realidade. Em março, esse mesmo vírus tinha atravessado todas as fronteiras, se espalhou pelo mundo e mudou a rotina e as relações de trabalho de todo o planeta.

Preparados ou não, em questão de dias, todos fomos impulsionados para a Era Digital. Empresas, governos, pessoas físicas e, claro, as cooperativas, tiveram que se adaptar ao mundo virtual e se relacionar via internet.

Segundo os especialistas, as chances de voltarmos a ver o mundo como era antes da pandemia são pequenas. A maior parte das mudanças que se impuseram vieram para ficar. Mas, como será esse futuro? Em especial, o futuro das cooperativas? Convidamos dois líderes cooperativistas de áreas fortemente afetadas pela pandemia — Saúde e Crédito — para conversar sobre o “novo normal”: Orestes Pullin, presidente da Unimed do Brasil; e Eledir Pedro Techio, presidente da Sicredi Ouro Verde MT. Confira!

Revista Saber Cooperar: Sua cooperativa estava preparada para enfrentar uma pandemia ou teve de correr para se adaptar às demandas de uma quarentena?

Oreste Pullin: O Sistema Unimed possui a inovação em seu DNA; então, já vínhamos investindo em novas tecnologias e modelos de atendimento. Obviamente, um contexto de pandemia, com esta escala global, exigiu adaptações e novos investimentos para aperfeiçoar a capacidade de atender às mais diferentes necessidades das comunidades onde estamos presentes. No entanto, as Unimed têm demonstrado grande competência em fazer a leitura correta dessa demanda, e temos conseguido resultados satisfatórios neste momento desafiador.

Eledir Pedro Techio: Creio que ninguém estava preparado, por ser algo que nenhum de nós tinha vivido até aqui. Tivemos que nos adaptar e ir descobrindo as respostas às angústias dia após dia. A comunicação precisou ser constante e próxima; tivemos que nos reorganizar para nos comunicarmos de forma ainda mais clara e mantermos todos os públicos alinhados.

Acredito que o maior aprendizado que tivemos é de que é possível estar próximo sem estar perto. E, quando percebemos isso, ganhamos muito em objetividade e em eficiência. Descobrimos que nem tudo precisava ser realizado de forma presencial, como normalmente fazíamos. Entendemos que o trabalho em *home office* pode ser produtivo e que dá sim para equilibrar melhor as questões “pessoais e profissionais”. Aliás, na minha avaliação, isso hoje é algo integrado, sem mais separação.

“ACREDITO QUE O MAIOR APRENDIZADO QUE TIVEMOS É DE QUE É POSSÍVEL ESTAR PRÓXIMO SEM ESTAR PERTO. E, QUANDO PERCEBEMOS ISSO, GANHAMOS MUITO EM OBJETIVIDADE E EM EFICIÊNCIA. DESCOBRIMOS QUE NEM TUDO PRECISAVA SER REALIZADO DE FORMA PRESENCIAL, COMO NORMALMENTE FAZÍAMOS.”

Eledir Pedro Techio,
presidente da Sicredi Ouro Verde MT

Quais são os principais impactos da pandemia na sua cooperativa?

OP: O Sistema Unimed possui abrangência nacional, atendendo pacientes inclusive em localidades em que, muitas vezes, a rede pública de saúde não está presente. Temos, portanto, uma grande responsabilidade para com a sociedade brasileira neste momento desafiador que estamos vivendo. Nesse sentido, desde que a pandemia eclodiu, buscamos aumentar nossa capacidade de assistir as populações

em suas mais diferentes necessidades, reforçando nosso princípio fundamental, que é cuidar das pessoas.

Passados quatro meses, temos demonstrado grande capacidade de resposta à pandemia da Covid-19. Nossas cooperativas em todo o Brasil têm investido não só na expansão de suas infraestruturas, como também no aumento de suas equipes médicas, em ações de prevenção, responsabilidade social e educação nas comunidades nas quais estão inseridas.



Orestes Pullin,
presidente da
Unimed do Brasil

“AINDA É CEDO PARA FAZERMOS UMA PREVISÃO MAIS ASSERTIVA DE ESCALA, MAS, COM CERTEZA, O TRABALHO REMOTO TEM SIDO POSITIVO E, PROVAVELMENTE, É UM RECURSO QUE DEVE GANHAR ESPAÇO NOS PRÓXIMOS ANOS.”

EPT: Nosso ramo de negócio, por integrar o segmento financeiro, foi bastante afetado pela pandemia. Como o Sicredi é composto por associados de diferentes setores da economia, pudemos sentir as diferentes realidades vividas neste período da pandemia. O ramo mais afetado, sem dúvida, foi o das micro e pequenas empresas — especialmente aqueles relacionados a vertentes do comércio, como turismo, hotelaria, restaurantes, bares, salões de beleza, academia, entre outros. Também foram bastante afetados profissionais liberais e microempreendedores que atuam com serviços que foram — ou

ainda estão sendo — limitados durante a pandemia.

Por outro lado, percebemos setores que cresceram nesse período, como supermercados, *deliveries*, farmácias e, em nossa região, o agronegócio, que registrou uma safra recorde, com preços que garantiram uma boa rentabilidade. Em função do histórico da cooperativa, que construiu uma relação de confiança com seus associados ao longo dos seus 30 anos, nós percebemos também que muitos associados preferiram deixar seus recursos investidos na instituição neste momento de pandemia. Isso também se somou ao fato de que muitas pessoas e empresas estão seguindo alguns investimentos em expansão ou em novos negócios, optando por manter os recursos investidos, o que fez com que a cooperativa alcançasse um recorde no volume de depósitos neste período.

Como sua cooperativa tem apoiado seus colaboradores e cooperados neste momento de crise?

OP: Todas as Unimeds estão amplamente engajadas no combate à pandemia em ações das mais variadas. Entre elas, estão: a distribuição de máscaras e EPIs gerais para os colaboradores envolvidos no combate direto e indireto à pandemia; o apoio psicológico para os profissionais da linha de frente do atendimento a pacientes; a preparação de materiais orientativos à população, médicos cooperados, funcionários e clientes; criação de *e-books*, FAQs e políticas ativas de *home office* para os colaboradores que estiverem em condições de executarem suas atividades remotamente.

Especificamente na Unimed do Brasil, com sede em São Paulo,

estruturamos o regime de *home office* em tempo recorde e todos os colaboradores estão trabalhando seguros, de suas casas. Esse plano de contingenciamento foi compartilhado com todo o Sistema Unimed, de modo a auxiliar localmente nossas cooperativas nessa demanda.

Uma das primeiras ações que tomamos foi criar um Comitê de Contingência, e a partir de então começamos a realizar reuniões diárias com nossos líderes e reuniões quinzenais com todos os colaboradores. Definimos como prioridade o “cuidar das pessoas”, tendo sido necessário, em certo momento, até mesmo suspender o atendimento presencial, como forma de proteção aos colaboradores e aos associados. Este processo de comunicação mais próxima com as lideranças foi essencial, até porque, no início, não se sabia ao certo a melhor decisão a ser tomada, pois o cenário era totalmente novo e exigia decisões rápidas.

Adotamos todas as práticas recomendadas pelas autoridades de saúde, como higienização dos ambientes, disponibilização de máscaras e outros equipamentos de proteção individual, exames para quem apresentasse sintomas. Também organizamos escalas de *home office* como forma de promover o distanciamento social e como segurança para suportar a operação.

SC: De todas as iniciativas tomadas nesta quarentena, quais foram as mais marcantes dentro do seu sistema?

OP: Um grande exemplo a ser citado é o trabalho feito em Fortaleza, onde a Unimed inaugurou um hospital de campanha com 44 leitos adicionais às unidades próprias da cidade para aumentar a

capacidade de atendimento em um momento em que os casos de contágio aumentavam consideravelmente no Ceará. No fim de junho, no entanto, graças aos esforços não só da Unimed, como também do poder público, foi possível manter a demanda sob controle e, com isso, esta unidade de campanha começou a ser desmontada. Em Porto Alegre, a cooperativa local é cofinanciadora de um estudo pioneiro da Universidade Federal de Pelotas (RS), que realiza um trabalho de testagem da população gaúcha, visando estimar o percentual de infectados pelo novo coronavírus no estado. O levantamento, ainda em andamento, visa entender a evolução do vírus para oferecer direcionamentos para seu combate.

Ainda, para ajudar os profissionais de saúde a entenderem melhor as metodologias de atendimento para telemedicina — que foi reconhecida durante o distanciamento social por conta da pandemia da Covid-19 —, a Unimed do Brasil, em parceria com a Associação Paulista de Medicina (APM) e a Federação das Unimeds do Estado de São Paulo (FESP), elaborou o curso *on-line* de Capacitação Básica em Telemedicina.

Trata-se de uma excelente oportunidade para divulgarmos os preceitos que acreditamos para a prática da telemedicina de maneira ética e segura. As aulas estão de acordo com o princípio cooperativista que defende a educação, formação e informação de todos nossos profissionais, proporcionando o entendimento de como se relacionar com o paciente a distância e gerar confiança.

EPT: Entre as experiências positivas que tivemos estão as formações a distância — como as do Programa A União Faz a Vida, que é o nosso programa de educação

cooperativa para a comunidade: já foram realizadas 134 lives de formação, envolvendo 2.400 participantes. Agora estamos iniciando também as formações de Educação Financeira e do nosso programa de formação de associados (o Crescer), também em formato *on-line*.

Destaco ainda que as reuniões a distância nos aproximaram de toda a equipe e permitiram encontros com entidades sociais que apoiamos, com sindicatos e entidades representativas que são parceiras em outros programas. Realizamos também nossa Assembleia Geral Ordinária em formato *on-line*, o que foi uma quebra de paradigma.

A Covid-19 fez muitas empresas aderirem ao *home office* e à “informatização do trabalho”. Você acha que essa mudança é positiva ou negativa? Ela veio para ficar?

OP: Na Unimed do Brasil, temos verificado resultados preliminares satisfatórios. Uma pesquisa interna observou que as práticas de *home office* têm obtido aprovação de 94% dos colaboradores, o que mostra que as soluções para este fim foram desenvolvidas de maneira acertada. Ainda é cedo para fazermos uma previsão mais assertiva de escala, mas, com certeza, o trabalho remoto tem sido positivo e, provavelmente, é um recurso que deve ganhar espaço nos próximos anos. De qualquer maneira, estamos confiantes de que — quaisquer que sejam as circunstâncias que se desdobrarão nos próximos anos — as empresas e cooperativas se adaptarão de maneira satisfatória, e as relações de trabalho tendem a se aperfeiçoar em todos os níveis hierárquicos, com uma grande preocupação, também, com a

qualidade de vida das pessoas. **EPT:** Penso que essas mudanças são extremamente positivas e vieram para ficar: nossa vida profissional e pessoal a partir de agora serão únicas, integradas, uma fazendo parte da outra. É como discutirmos os pilares econômico e social nas cooperativas: o que vem primeiro? Qual é mais importante? Nenhum e, ao mesmo tempo, os dois. Um depende do outro. Um não existe sem o outro. Seremos seres únicos, onde trabalharemos, curtiremos, conviveremos, tudo ao mesmo tempo. Nós nos permitiremos ir à apresentação da escola do filho ao meio da tarde, sem problemas, passando a importar mais o quanto eu contribuo para minha família, para a cooperativa e para a sociedade. O horário e de onde estou contribuindo não importa tanto.

“PARA QUE OUTRA CRISE COMO ESTA SEJA EVITADA, É PRECISO PLANEJAMENTO. E PREVER E PREVENIR UMA PANDEMIA PASSA POR UM GRANDE INVESTIMENTO EM SAÚDE PÚBLICA, CONDIÇÕES SANITÁRIAS BÁSICAS E EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA A POPULAÇÃO.”

Orestes Pullin,
presidente da Unimed do Brasil

Acredito que novas competências já foram criadas. É uma nova dinâmica, que nos demanda sermos produtivos, mesmo com as equipes não estando lado a lado. Novas posições já foram criadas; algumas rotinas operacionais já estão sendo substituídas por automatização, muitas outras funções deixarão de existir. É uma grande mudança de *mindset*, e os que não permitirem estas mudanças no modelo mental possivelmente ficarão pelo caminho. Porém, precisaremos evoluir muito nosso modelo de leis trabalhistas para que isso aconteça de forma mais efetiva, já que algumas têm quase um século e não preveem esta nova realidade.

E as relações de consumo, como ficam?

OP: As restrições na circulação humana e o isolamento social inauguraram uma tendência de as pessoas se voltarem mais para a comunidade, consumindo produtos e serviços locais. Creio ser este um aspecto que pode influenciar o comportamento dos consumidores. Ainda, este processo deve ocorrer bastante por via remota, cujo desenvolvimento é evidente durante esta pandemia. Na saúde, por exemplo, a telemedicina teve um enorme salto de desenvolvimento e, com aperfeiçoamentos técnicos e legais, tende a se consolidar como um recurso complementar ao atendimento presencial que, na medicina, não pode, evidentemente, ser negligenciado.

EPT: Nós percebemos que a pandemia fez com que muitas empresas tivessem que se reinventar; muitos empresários estão tendo que posicionar seu negócio de forma diferente. As vendas *on-line*, por exemplo, vieram contribuir com a economia nesse sentido e as plataformas digitais

se firmam como um carro-cheife no consumo. No Sicredi, nós também buscamos apoiar a viabilização dessas novas relações econômicas, por meio de uma plataforma de *marketplace* disponibilizada de forma gratuita para os associados: o Sicredi Conecta.

Além disso, esse novo cenário provocou um movimento de olhar mais para o local. Muitas pessoas passaram a perceber a importância de valorizar o comércio local para manter a economia girando. E, paralelamente a isso, a sociedade passa a exigir maior compromisso das organizações sobre o que elas fazem pelas comunidades. Diante desse cenário, nós, como instituição financeira cooperativa, que já temos esta atuação local como parte do nosso dia, buscamos desenvolver um movimento nacional chamado Eu Coopero com a Economia Local, que veio justamente com o objetivo de promover essa maior consciência na população sobre como podemos contribuir com a economia da nossa região e como isso beneficia a toda a sociedade.

A pandemia fortalece ou enfraquece o modelo cooperativista? Por quê?

OP: O elo das cooperativas com a sociedade é muito forte. Seu modelo econômico é baseado na união das pessoas com um mesmo objetivo. Destacam-se principalmente por atuar em favor da sustentabilidade e do desenvolvimento econômico e social da comunidade. Todas as cooperativas, independentemente de seus ramos, devem investir, por meio de políticas aprovadas por seus membros, no desenvolvimento sustentável das cidades e regiões nas quais estão inseridas. Preza-se essencialmente por aportes

em projetos economicamente viáveis, ambientalmente corretos e socialmente justos. No contexto da saúde, isso significa zelar pela integridade das populações locais ao mesmo tempo em que se contemplam projetos para aumentar o acesso às principais inovações da assistência médica, entendendo e levando em consideração as necessidades específicas de cada localidade. E isso, no cenário atual de pandemia, nunca foi tão vital.

EPT: Nós acreditamos que fortaleceu muito. Nunca o modelo cooperativo fez tanto sentido. Em todos os lugares, fala-se em trabalhar junto para gerar um impacto positivo nas comunidades. A cooperativa, por ser local, tem essa relação de proximidade maior, e também de credibilidade. Um exemplo vivido pela nossa cooperativa foi que, logo no início da pandemia, identificamos a necessidade de apoiarmos as instituições de saúde da nossa região, e assim nos organizamos. Destinamos recursos do nosso Fundo Social para a compra de respiradores, desfibriladores, monitores cardíacos e outros equipamentos hospitalares em diferentes municípios, além de testes rápidos, máscaras, luvas, álcool gel e EPIs para profissionais da saúde e policiais militares. Também tivemos um olhar para as entidades sociais, que estavam passando por dificuldades na medida em que sobreviviam, em grande parte, de recursos arrecadados com eventos, que não puderam mais ser realizados. Com essas duas ações, destinamos R\$ 950 mil para apoiar 105 projetos na nossa área de atuação. Esse sentimento de fazer juntos, de estar próximo, de contribuir para que a sociedade possa superar seus desafios, aproxima ainda mais as cooperativas e o cooperativismo dos seus valores e das comunidades.

“PENSO QUE ESSAS MUDANÇAS [TRAZIDAS PELA PANDEMIA] SÃO EXTREMAMENTE POSITIVAS E VIERAM PRA FICAR: NOSSA VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL A PARTIR DE AGORA SERÃO ÚNICAS, INTEGRADAS, UMA FAZENDO PARTE DA OUTRA.”

Eledir Pedro Techio,
presidente da Sicredi Ouro Verde MT

Qual será o legado desta pandemia para o Brasil e para o mundo?

OP: Uma lição que o país deve levar da pandemia é como definir novas políticas públicas no pós-crise. Para que outra crise como esta seja evitada, é preciso planejamento. E prever e prevenir uma pandemia passa por um grande investimento em saúde pública, condições sanitárias básicas e educação em saúde para a população. Acreditamos que este debate se intensificará, e é muito importante que os diversos atores sociais — como governos, empresas, organizações não governamentais e sociedade civil — cooperem entre si para que possamos formular essas políticas

que sirvam aos maiores interesses dos países e das pessoas.

EPT: Acreditamos em uma sociedade menos individualista, e com um pensar mais coletivo, com menos política partidária e com mais política solidária. Teremos um sentimento de dor; já estamos tendo, com a perda de muitas pessoas, mas o aprendizado será semelhante a atravessarmos uma guerra: em todas as guerras, aprendemos; foram acelerados processos de tecnologia, deixamos o passado para trás e aprendemos com o novo. E é isso que eu acredito que vai ficar: uma preocupação maior com as pessoas. ■



SUA COOPERATIVA JÁ TEM UM agente de inovação?

**ELES PODEM AUMENTAR
OS RESULTADOS DO SEU
NEGÓCIO COM O AUXÍLIO
DE NOVAS TECNOLOGIAS**

Por Débora Brito



Criar ideias ou colocá-las em prática? Seja como um idealizador ou realizador, a descoberta do perfil de um agente inovador é decisiva no processo de construção de uma cultura de inovação dentro de uma empresa ou de uma cooperativa. Mais do que descobrir a vocação dos profissionais, é fundamental que eles recebam as ferramentas necessárias para efetivar a inovação no ambiente de trabalho, fazendo-a prosperar e gerar os resultados desejados.

Nos últimos quatro anos, tem crescido no Brasil um movimento de busca a capacitação de agentes para implementação de projetos ou áreas de inovação dentro das cooperativas brasileiras. O objetivo é não tocar mais o processo de inovação de forma intuitiva ou apenas com a participação de um time específico, mas envolver toda a cooperativa, principalmente os gestores, de forma mais profissional e sistêmica.

“O cooperativismo está se aproximando cada vez mais do ecossistema de inovação, investindo na capacitação, no uso de novas tecnologias e criando grupos de trabalho internos para desenvolver novos projetos”, explica Samara Araujo, coordenadora do Núcleo de Informações e Mercados da OCB.

Embora não exista um mapeamento preciso de quantas cooperativas já possuem núcleos de inovação, sabe-se que pelo menos 120 participaram do programa de Inovação para o Cooperativismo, desenvolvido pelo Instituto Superior de Administração e Economia (ISAE).

O programa, chamado ISAE Inova Brasil, surgiu em 2017 com o objetivo de fomentar a cultura de inovação, sensibilizando nossos líderes sobre a importância do assunto e formando agentes de inovação — profissionais encarregados de levar um novo olhar sobre produtos, processos e tecnologias para nossas cooperativas.

Desde então, formou turmas no Paraná, em São Paulo, Goiás e Mato Grosso do Sul. A versão nacional está programada para o primeiro semestre de 2021. Serão ofertadas turmas para agentes de inovação das Confederações e Federações cooperativas, bem como para instituições de atuação em âmbito nacional, como o Sistema OCB — parceira do ISAE nessa iniciativa.

“Estamos em cinco estados, mas nosso plano é atingir cooperativas do Brasil inteiro. Fazer com que elas se tornem ainda mais inovadoras. O cooperativismo já é inovador, mas agora é preciso fazer com que eles entendam que é necessário fazer uma governança para inovação, porque a inovação veio para ficar. Essa é uma temática que não deve acontecer de forma esporádica dentro da cooperativa”, declarou Thiago Martins, coordenador do programa da ISAE.

Ainda segundo Martins, um dos desafios centrais do programa é mostrar que inovar não é sinônimo de trabalhar com novas tecnologias. “Inovar é pensar diferente, não ter medo de errar”, resume. “Você pode ter tecnologia embarcada no negócio, mas, se não tiver pessoas com um modelo mental inovador, de nada vai adiantar.”

Mudança de mentalidade é o ponto de partida

Segundo Thiago Martins, das 120 cooperativas que já participaram do programa Inovação para o Cooperativismo, praticamente todas criaram áreas específicas de inovação em suas sedes. Isso pode ser visto especialmente no Paraná — estado que formou as primeiras 14 turmas do programa. Foram mais de 500 agentes de inovação capacitados em 11 cidades. Tudo isso graças ao apoio da Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar), uma das primeiras organizações estaduais a aderir ao projeto.



“INOVAR É PENSAR DIFERENTE. NÃO TER MEDO DE ERRAR.”

Thiago Martins,
coordenador do programa da ISAE

Para o superintendente do Serviço de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) do Paraná, Leonardo Boesche, a formação desses agentes de inovação está fazendo toda a diferença no trabalho das cooperativas do estado. “Já vínhamos nos aproximando do tema há pelo menos 10 anos, porém em ações isoladas, que careciam de uma metodologia mais estruturada”, comenta.

Segundo Boesche, a primeira tentativa de fomento à inovação feita pela Ocepar foi a contratação, em 2008/2009, de um consultor especializado no assunto. “Também foi criado um Fórum de Inovação, e pensamos em fazer uma pós-graduação no assunto. Mas não adianta só ter ideia, precisa transformar em ação”, recorda.

Ainda segundo o superintendente, cooperativas do Paraná que receberam prêmios de inovação reestruturaram toda a sua forma de trabalhar o assunto internamente após o programa de formação

dos agentes de inovação. Motivo? O que vinha sendo feito antes não tinha muita fundamentação teórica ou metodologia.

“Não adianta avançar num processo de inovação se você não mexer na estrutura organizacional. A cooperativa precisa ter uma cultura voltada para a inovação. E como você mexe na cultura se não tem formação ou pessoas capacitadas para fazer isso?”, questiona Boesche.

Três anos após formar as primeiras turmas de agentes de inovação, a Ocepar contabiliza mais de 500 iniciativas de inovação incubadas e em processo de desenvolvimento nas cooperativas do estado. “Quando lançamos o programa, a gente imaginava fazer duas ou três turmas, mas de imediato 70 cooperativas se inscreveram, e tivemos de fechar 14 turmas espalhadas pelo estado”, completa.

O superintendente destaca que o principal retorno obtido com esse investimento foi a organização do processo de inovação dentro do cooperativismo paranaense. “A principal coisa que salta aos olhos é a organização da cooperativa. Antes, a inovação estava solta; hoje você encontra até gerente de inovação. Também vemos as cooperativas fazendo seminários internos sobre o assunto, ou seja, multiplicando esse conhecimento para os demais colaboradores dentro de suas cooperativas”, ressalta.

Networking e novas empresas

Filipe Vieira, gerente de desenvolvimento de inovação da Unimed-Maringá, é um dos agentes de inovação formados pelo programa. O profissional já tinha esse cargo antes do curso e se interessou pela capacitação para ampliar a rede de parceiros e conhecer novas experiências de inovação.

“Foi uma experiência única e interessante. Primeiro, por fomentar o contato com outros tipos de cooperativa, para além do segmento de saúde, como agrogêncio e finanças. Aumentou o *networking*. Fora todo o conhecimento e a experiência que o próprio curso proporcionou”, relata.

Filipe participou do programa com outros quatro colaboradores da cooperativa. A capacitação deu tão certo que outros colegas já estão esperando a nova rodada do curso para participar. Vale destacar: após formar os primeiros agentes de inovação, a Unimed Maringá resgatou um escritório de projetos que estava desativado, criou uma área de inteligência competitiva e outra área de inovação voltada para empresas que querem inovar com a cooperativa.

“O programa nos ajudou a alavancar a inovação dentro da cooperativa. Fizemos novas parcerias; por exemplo, visitamos a Cocamar, cooperativa agrícola do Paraná, e trocamos experiências de inovação. Então, ajudou no *networking*, a conhecer *startups*,

clareou, abriu horizontes para evoluir dentro da organização”, destaca o gerente.

O programa também contribuiu para a sensibilização da alta direção da empresa e motivou a equipe a reestruturar um plano estratégico da cooperativa com foco na modernização das metodologias de trabalho.

“O nosso grande alvo, agora, é trabalhar a cultura de inovação dentro da empresa e realizar uma transformação digital da Unimed Maringá, desde mudança de processos, do mindset

(modelo mental) da equipe, dando oportunidade aos talentos da organização, trazendo tecnologia e automação para processos para gerar mais valor para nossos clientes, cooperados e colaboradores”, afirmou Vieira.



Valorização

O Programa de Inovação para o Cooperativismo também ajudou as cooperativas do Paraná a se aproximarem das *startups* em busca de soluções para necessidades específicas e da comunidade, que passou a ser convidada a opinar sobre o lançamento de novos produtos ou serviços. “Isso é uma ideia inovadora. Além de lançar um produto com mais garantia, você valoriza a comunidade e ela passa a olhar para as cooperativas com outros olhos”, comenta.

Também cresceu a intercooperação entre cooperativas de áreas diferentes, como crédito e saúde — situação que não ocorria facilmente antes do programa. “Mesclamos as turmas de agro, saúde e crédito, porque, quanto mais variedade, mais ideias são produzidas. E isso foi transportado para o dia a dia das cooperativas. Hoje você vê cooperativas discutindo determinados projetos para desenvolver produtos em conjunto com outro setor.”

O programa também serviu para preparar as cooperativas para uma situação que ninguém ainda imaginava passar: a pandemia do coronavírus, que promoveu o isolamento social e acelerou processos de automação e modernização em diferentes áreas, inclusive o cooperativismo.

O superintendente comemora que antigas resistências à mudança e às questões tecnológicas foram rompidas, e a adaptação das cooperativas nos novos tempos foi muito rápida.

“O Sescoop trabalha com muito papel e há um tempo propus a “despapelarização” do sistema. Ficamos dois anos discutindo com a equipe e não evoluímos absolutamente nada. Quando chegou a pandemia, tínhamos que dar um jeito de receber a documentação das prestações de contas das cooperativas, processar, registrar no nosso sistema e mandar para o financeiro para efetuar os pagamentos e a equipe “despapelarizou” tudo em três dias, coisa que em dois anos não conseguimos fazer”, conta Boesche.

Outra mudança foi a realização de reuniões virtuais com as cooperativas e a economia com o uso de veículos ou até passagens aéreas. “Já não pensamos mais em fazer viagens. Estamos economizando em viagens, no que nunca pensamos em economizar.

Então, é uma transformação impressionante que estamos sofrendo neste momento. Isso fez com que as cooperativas se reinventassem em um curto espaço de tempo também.”

Além disso, nesse processo de reinvenção, algumas cooperativas do estado conseguiram de uma hora para a outra implementar suas vendas de forma totalmente virtual e bater recorde nos negócios.

Para incentivar ainda mais esse ecossistema de inovação, o Sescoop-Paraná já está estudando possibilidade de fazer o segundo ciclo de formação no modo virtual, a partir de agosto. “O importante é que aprendemos muito nesse período, ainda estamos aprendendo e fazendo uma transformação que vai ser importantíssima, inclusive para a sustentabilidade do planeta”, comenta Boesche.

Um grande despertar

Outro grupo que buscou os benefícios do programa de inovação foi a Organização das Cooperativas de São Paulo (Ocesp). Depois de ter promovido várias missões internacionais bem-sucedidas ao Vale do Silício (Estados Unidos) — principalmente com cooperativas da área de saúde —, a Ocesp decidiu investir na área de educação.

Em parceria com o ISAE, a organização estadual abriu uma turma e atraiu 40 participantes de 20 cooperativas. Além disso, já está prevista a realização de mais duas turmas, que poderão ser efetivadas somente a partir de agosto, devido à pandemia do coronavírus.

“O programa é muito interessante, traz bastante conhecimento. Mas, para mim, o ponto X não é só o conteúdo, mas a aplicação e a multiplicação dessas informações. Já vi alguns exemplos no Paraná e tenho grande expectativa de que, aqui em São Paulo, também aconteça essa intercooperação entre as cooperativas, para que elas pensem em conjunto e façam planos de ação que vão contribuir para o negócio”, afirma Flávio Bersani, superintendente da Ocesp.

Bersani ressalta que o programa pode ajudar a diminuir as desigualdades entre as cooperativas no que diz respeito ao desenvolvimento da inovação nos processos internos. Em São Paulo, existem mais de mil cooperativas, e muitas ainda não estão alinhadas ao conceito de inovação ou em como implantá-lo na prática.

“Acho que esse tema ainda está muito incipiente em algumas cooperativas, dependendo muito do ramo. Se olharmos para o ramo do crédito, por exemplo, tem a Credicitrus, que é uma das maiores da América Latina e tem um escritório no Vale do Silício. Por outro lado, temos cooperativas que ainda não entendem o que é inovação”, lamenta.

A realidade também é desigual no ramo da saúde, onde existem cooperativas em processos avançados de cooperação com *startups* e aceleradoras, como a Federação das Unimeds, ao passo que outras organizações ainda estão engatinhando nesse processo.

“Temos realidades muito diferentes, e o programa veio para ajudar os agentes a entender o que é inovação. Precisamos mudar esse mindset e fazer com que as pessoas queiram fazer acontecer, testando, errando e começando de novo. Tem uma máxima da inovação que diz: se você ficar esperando o projeto ficar pronto para lançar, você já perdeu o timing. Precisamos fazer as cooperativas pensarem assim”, completou Bersani.

Em função do período de isolamento social, a primeira turma de São Paulo ainda não chegou à fase final. Além das iniciativas de capacitação, o superintendente comenta que o ambiente de inovação no Brasil ainda precisa de mais incentivo, principalmente no contexto atual, em que a transformação ocorreu de forma muito rápida.

“Todo mundo vai ter de pensar no novo normal. A pandemia fez com que muitos negócios saíssem da situação de conforto. Para as cooperativas foi um grande despertar. Elas começaram a pensar diferente e buscar alternativas, pois antes estavam numa situação cômoda. O tempo de reação foi muito curto, então tem que fazer e acontecer. Embora seja um momento muito ruim para o país como um todo, mas nesse ponto foi positivo”, conclui.

Um portal de inovações

Quer ficar por dentro de tudo o que acontece no mercado de inovação e, de quebra, conhecer muitos cases de sucesso em inovação do cooperativismo? Acesse agora mesmo o Inova-Coop — novo site da OCB que reúne artigos, cases, ferramentas e cursos voltados para o desenvolvimento da inovação dentro das cooperativas. No conteúdo disponibilizado na plataforma, são tratados temas como cultura organizacional, transformação cultural, além da possibilidade de entrar em contato com cooperativas e *startups* que já atuam com inovação.

A plataforma foi desenvolvida sob a coordenação da equipe de inovação do Núcleo de Informações e Mercados da OCB. O projeto é uma resposta para algumas demandas que surgiram no 14º Congresso Brasileiro de Cooperativismo, realizado em Brasília. Um dos temas trabalhados no Congresso foi a inovação, e a equipe da OCB saiu do evento inspirada a pensar soluções e iniciativas inovadoras para as cooperativas.

Soluções de problemas

O coordenador do programa Inovação para o Cooperativismo, Thiago Martins, reforça que realmente ainda há diferentes níveis de maturidade em inovação entre as cooperativas, mas pondera que a evolução na percepção do assunto é “fantástica” depois do acesso dos times das cooperativas ao conjunto de soluções oferecido no curso **(veja infográfico na próxima página)**.

“A intenção é fazer com que todas as pessoas envolvidas com a cooperativa entendam o que realmente é inovação, como transformar a inovação em soluções de problemas e que essas soluções nos tragam resultados”, afirma Martins.

Martins também alerta sobre a necessidade de avançar no mapeamento dos impactos do avanço da inovação no cooperativismo. Em sua opinião, a pandemia tornou os agentes de inovação mais ágeis diante de uma necessidade real de lidar com uma nova realidade e com as novas tecnologias.

“Criatividade é fundamental, mas ainda precisamos ter bases científicas e a comprovação de que há resultados por meio desse processo. Os resultados

gerados pelas cooperativas agregam demais para a sociedade. Se fizermos um mapeamento da cadeia toda, a representatividade do cooperativismo é fundamental na sociedade. Então deveria ter um interesse maior do poder público para incentivar isso”, avalia.

Adaptação às demandas locais

Mesmo nas regiões ainda não alcançadas pelo programa de formação de agentes de inovação, existem experiências que têm transformado a realidade da comunidade local. É o caso da Cooperativa de Profissionais em Educação (Cooped), sediada no município de Jarú, no interior de Rondônia.

Em março deste ano, logo no início da crise do coronavírus, a cooperativa começou o ensino a distância para compensar a ausência das aulas presenciais e para consolidar a relação que já vinha mantendo com os alunos e suas

famílias. Algumas ferramentas de comunicação virtual já eram amplamente utilizadas antes da pandemia e, logo que começou a crise, os professores passaram por um curso rápido de capacitação sobre videoaulas oferecido pelo Sistema Positivo de Ensino.

“Tivemos de nos reinventar da noite para o dia, senão perderíamos alunos e a cooperativa entraria em colapso. Os professores se atualizaram muito rápido e colocaram imediatamente em prática o que vinham aprendendo sobre as novas tecnologias”, relata o professor e presidente da cooperativa, Fabrício Pacheco.

Apesar da situação de crise, a cooperativa conseguiu reter as famílias nos 90 dias iniciais da

pandemia e ainda ganhou cinco novos alunos.

“Como nos reinventamos e estreitamos a relação com os pais dos nossos alunos, eles entenderam que a escola saiu só do físico, mas continuou no virtual. Essa aproximação foi de suma importância para que mantivéssemos as portas abertas”, comemora Pacheco.

Diariamente, a cooperativa envia feedbacks sobre as atividades das crianças por meio de fotos, videochamadas com os pais e as

crianças. Alguns pais reclamam que estão sobrecarregados, mas a grande maioria elogia e agradece o empenho dos professores.

Fabrício Pacheco destaca que o momento atual rendeu lições positivas à cooperativa e à comunidade. No entanto — assim como todos nós —, espera que essa pandemia passe o mais rápido possível.

“Chego na escola e só ouço o cantar dos passarinhos, não tem barulho das crianças e isso é muito angustiante.

Eu sou professor há 22 anos e nunca imaginei em toda a minha carreira educacional que iríamos passar por isso. Mas, acredito que pra tudo temos uma lição. Neste momento de tristeza e angústia, tem o lado positivo, porque os pais veem as dificuldades e novas habilidades dos professores. E as crianças, que estão há 90 dias em casa, passaram a dar mais valor à escola”, comenta o professor.

Fundada em 2004, a Cooped conta com 18 cooperados, além dos colaboradores. A instituição atende 256 crianças, do pré-escolar ao ensino médio, todas moradoras de Jarú ou de distritos e fazendas dos arredores do município.



JORNADA DA RENOVAÇÃO

CONFIRA O PASSO A PASSO DO PROGRAMA INOVAÇÃO PARA O COOPERATIVISMO E VEJA COMO ELE PODE AJUDAR SUA COOPERATIVA A INOVAR:

PASSO 3

TRILHAS DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Os participantes são divididos em dois grupos, de acordo com seus perfis. São duas trilhas de conhecimento específicas: uma para inovadores e outra para os transformadores. Ambas totalizam 64 horas de formação.

Na trilha dos agentes de perfil inovador são compartilhadas em quatro disciplinas (Criatividade; Tendências e Gestão Focada no Usuário; *Design Thinking*, e Inteligência Competitiva) as ferramentas de ideação, as necessidades de mercado e a visão no olhar do cliente.

Para os agentes de perfil transformador, são ministrados os temas de gestão de projetos, *business plan*, precificação, *storytelling*, marketing e vendas. As disciplinas dessa trilha são: Modelos de Negócios Inovadores; Elaboração e Gerenciamento de Projetos de Inovação; Governança e Venture Capital em Ambientes Inovadores, e Gestão do Conhecimento para Inovação.

Ferramenta gerencial que ajuda o gestor a planejar o futuro da sua empresa ou cooperativa, definindo missão, visão, valores, oportunidades de negócio e até mesmo possíveis dificuldades a serem enfrentadas.

PASSO 2

TRILHA COMUM

Os participantes dos dois perfis seguem para a chamada "trilha comum", na qual aprenderão os conceitos necessários para formar uma base sólida de conhecimento sobre o tema. Nessa etapa, que compreende 64 horas de aula, são compartilhadas informações básicas que definem inovação, liderança de pessoas em ambientes inovadores, empreendedorismo sustentável, cooperativismo e, por último, noções sobre intercooperação e ecossistema da inovação.

PASSO 1

DIAGNÓSTICO

O programa começa com uma análise do perfil e das competências comportamentais e técnicas de cada participante. Entre as características analisadas, estão: liderança; senso de urgência; espírito empreendedor; empatia, e colaboração. No fim do processo, são conhecidos os agentes com perfil inovador (*dreamers*) e aqueles com perfil transformador (*makers*).

PASSO 4

APLICAÇÃO E MULTIPLICAÇÃO

Finalizadas as trilhas específicas, os agentes estão preparados para a trilha de "aplicação e multiplicação". Essa fase funciona como um laboratório, onde os participantes são desafiados a criar times e transformar suas ideias em soluções a partir do uso de metodologias inovadoras e colaborativas que poderão ser aplicadas nas cooperativas.

Aqui, os agentes conhecem os desafios e as oportunidades de inovação, desenvolvem um plano de ação e são incentivados a definir estratégias de cooperação com *startups*, entre outros pontos. Os resultados do aprendizado são apresentados e gravados na forma de *pitchings*.

RESULTADOS PERCEBIDOS

Após passar pelo programa, os participantes tornam-se oficialmente agentes de inovação. Segundo Thiago Martins, coordenador do ISAE, eles saem do curso com um significativo aumento de competências e conhecimento sobre as ferramentas de inovação. "A educação é a chave para quem deseja gerir, com sucesso, um processo inovador. E esse processo de aprendizagem deve ser constante", explica Martins.

Técnica de exposição clara, rápida e convincente de um projeto de inovação. Na maioria das vezes, o pitching tem um tempo curtíssimo de apresentação (de 1 a 5 minutos). Justamente por isso, é necessário ter seus argumentos definidos e na ponta da língua para convencer o investidor a apostar na sua ideia.



Cooperação DIGITAL

QUARENTENA IMPULSIONA
COMÉRCIO ELETRÔNICO E EXIGE
ADAPTAÇÃO DE COOPERATIVAS

Por Mariana Fabre

De uma hora para a outra, o mundo mudou! O coronavírus tirou as pessoas das ruas, transformou as rotinas de trabalho e fez muitos empreendedores reinventarem seus negócios. Quem estava fora da internet correu para se atualizar. Não dava mais para ficar de fora da rede. Afinal, como bem disse Bill Gates, só existem dois tipos de empresa: as que fazem negócios pela internet e as que deixarão de existir.

"A pandemia acelerou um processo de mudança que ainda estava germinando em muitos setores da economia. Pessoas que viam a transformação digital, a inovação, como uma coisa para investir nos próximos anos se viram no seguinte dilema: 'ou eu invisto nisso, ou meu negócio morre'", avalia Samara Araujo, coordenadora de Inovação do Sistema OCB.

Dentro do cooperativismo, 64,6% das cooperativas aceleraram processos internos de inovação, implementando novas formas de relacionamento com os cooperados e/ou clientes. É o que revela a pesquisa *O novo normal e as cooperativas*, realizada entre 9 de abril e 6 de maio, pela Coonecta.

Essa tendência vivenciada pelo cooperativismo é perceptível também nos outros setores da economia, como revela o relatório *Neotrust*, realizado pelo movimento Compre&Confie em parceria com o E-commerce Brasil (**veja resultados no celular ao lado**).

Confira, a seguir, a história de quatro cooperativas que souberam se reinventar nesta pandemia e estão surfando na onda dos negócios *on-line*:

**"A PANDEMIA
ACELEROU UM
PROCESSO DE
MUDANÇA QUE
AINDA ESTAVA
GERMINANDO
EM MUITOS
SETORES DA
ECONOMIA."**

Samara Araujo,
coordenadora de Inovação do
Sistema OCB

VENDAS ON-LINE EM ALTA NO BRASIL*

- ✓ No primeiro trimestre de 2020 houve um crescimento de **32,6%** nos pedidos *on-line* realizados no Brasil em comparação ao mesmo período do ano passado, atingindo um total de quase 50 milhões de transações;
- ✓ o aumento do número de vendas, o faturamento das plataformas de *e-commerce* teve um incremento de **26,7%** em relação ao primeiro trimestre de 2019, totalizando mais de R\$ 20 bilhões;
- ✓ **16 milhões** de brasileiros adquiriam algum produto ou serviço pela internet nos três primeiros meses do ano. Alta de 22,8% em relação ao mesmo período do ano anterior.

* Dados do primeiro trimestre de 2020

Vitrine cooperativa

- ✓ **Cooperativa:** Sicredi
- ✓ **Ramo:** Crédito
- ✓ **Estado:** todos
- ✓ **Mudança implementada:** Ampliação em 60% do número de cooperados cadastrados no Sicredi Conecta — *marketplace* criado para ajudá-los a venderem produtos e serviços pela internet.

Disposto a dar aquela forcinha para seus cooperados, o Sicredi lançou, em setembro de 2018, um *marketplace* para ajudar os cooperados, principalmente os pequenos empreendedores, a alavancarem seus negócios. O Conecta é um aplicativo que disponibiliza gratuitamente uma vitrine de produtos e serviços para cooperados do Sicredi.

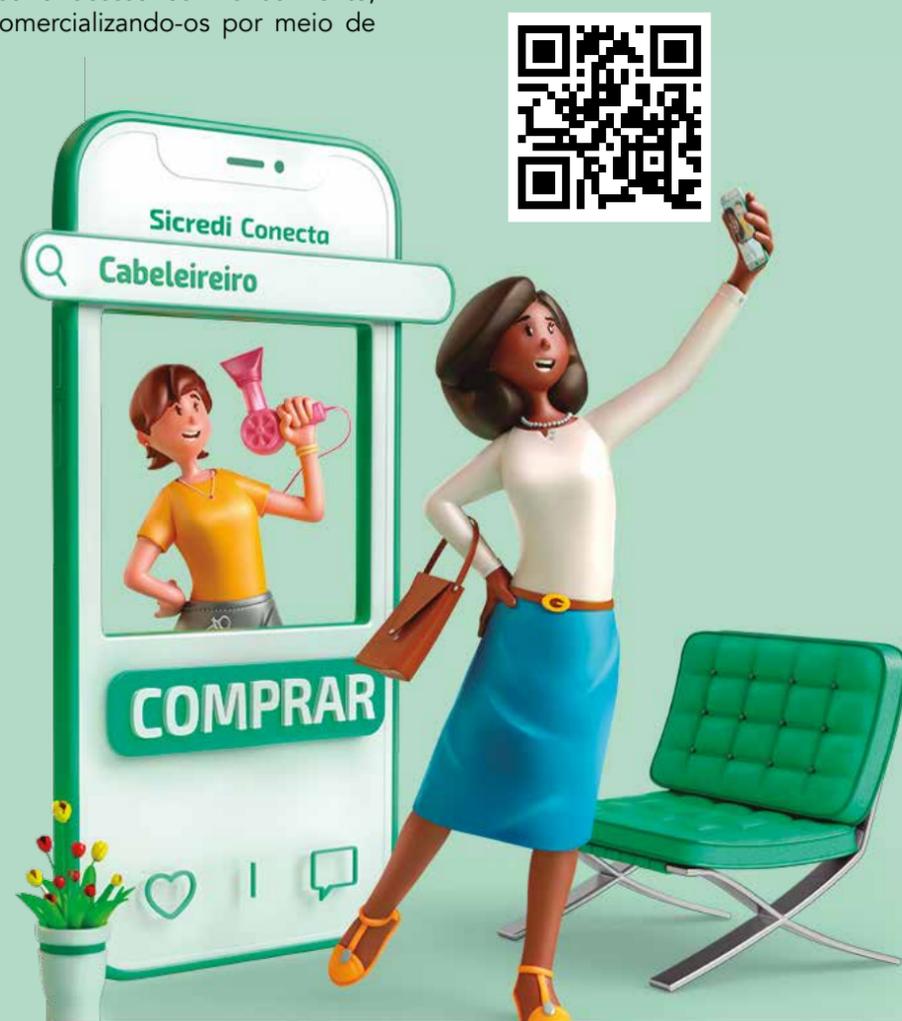
Fruto de uma parceria com a *startup* Hallo, o aplicativo tem se mostrado importante ferramenta de renda durante esse período de pandemia. “Com o *app* Conecta conseguimos incluir pequenos empreendedores de uma forma fácil, barata e segura no comércio *on-line*. Neste momento de pandemia, vemos como isso tem sido importante para a sobrevivência de muitos dos nossos cooperados”, explica o líder da Transformação Digital do Sicredi, Tiago Nicolaidis.

Segundo ele, desde o início do isolamento, o número de associados no aplicativo aumentou 60% e o de novos anúncios, mais de 70%. O *marketplace* reúne, até o momento, 29.600 cooperados e 17.900 anúncios. Entre as categorias com maior número de anúncios estão automóveis, calçados e roupas, alimentos e bebidas, beleza e cuidados pessoais e, ainda, casa, móveis e decoração. O valor gerado pelas transações também teve incremento de 50% desde março, totalizando, até maio, R\$ 60,8 mil.

A iniciativa acompanha o movimento de valorização do comércio local, cuja proposta é evitar que pequenos negócios fechem as portas durante o período de isolamento social. “Acreditamos que a forma como as pessoas consomem vai mudar após essa pandemia. Por isso, fortalecer pequenos negócios passou a ser uma prioridade aqui no Sicredi”, constata Nicolaidis.

Uma das cooperadas beneficiadas pelo Conecta é Grazielle Sá. Empresária, ela confecciona bolsas e acessórios manualmente, comercializando-os por meio de

site próprio. A inserção da produção no aplicativo do Sicredi ajudou a aumentar o faturamento da empresa. “Comprar de alguém que você conhece ou de alguém que conhece alguém gera muito mais confiança na hora da compra. Dentro do Conecta, as pessoas sabem que sou uma cooperada, e isso aumenta a confiança na qualidade dos meus produtos”, comenta a empresária. Para saber mais, veja o case da Sicredi em Inova.coop.br/radar.



Lives e encontros virtuais

- ✓ **Cooperativa:** Cooperativa Agroindustrial do Tocantins (Coapa)
- ✓ **Ramo:** Agronegócio
- ✓ **Estado:** Tocantins
- ✓ **Mudança implementada:** Participou pela primeira vez de uma feira de negócios 100% digital e desenvolveu aplicativo para facilitar a comunicação dos cooperados.

Mesmo após a flexibilização da quarentena, recomenda-se evitar espaços fechados e aglomeração de pessoas. Com isso, festas, shows, eventos e até assembleias de cooperados passaram a ser realizados 100% pela internet. Uma realidade agora já familiar para o time da Cooperativa Agroindustrial do Tocantins (Coapa).

“Antes da pandemia, nossas capacitações eram feitas no modo presencial, reunindo um grande número de cooperados. Agora elas são feitas via *web*”, constata Ricardo Khouri, presidente da cooperativa. Como isso está acontecendo? Por meio de um aplicativo, no qual o quadro técnico recebe orientações via comunicados e até videoconferências.

Além disso, o planejamento da safra 2020/2021 também não foi feito nos moldes tradicionais, porque os cooperados — habituados a uma relação de proximidade com os técnicos — passaram a recorrer mais a computadores ou aplicativos de celular para essa comunicação. “Desde fevereiro, o departamento comercial também tem feito uso mais frequente de plataformas digitais para a aquisição de insumos”, explica o presidente.

Segundo Khouri, as atividades do processo produtivo de grãos não sofreram grandes mudanças, tendo em vista as exigências naturais da agricultura: determinadas épocas de plantio, manejo de pragas e doenças, colheita, transporte e armazenamento. A execução dessas atividades, entretanto, precisou incorporar ações de garantia da segurança dos cooperados, como o reforço nos cuidados sanitários, implementação de distanciamento social, uso de máscaras e higienização frequente das mãos e das superfícies de contato.

Outra mudança importante foi o aumento da visibilidade da Coapa. Em maio deste ano, por exemplo, Khouri participou de um painel virtual da Feira de Tecnologia Agropecuária do Tocantins (Agrotins) — maior evento de negócios da Região Norte, que teve sua 20ª edição realizada 100% pela internet.

“Essa experiência foi inédita para mim. Eu falo muito para produtores rurais, para 50 ou até 200 pessoas, mas nessa live eu falei para 1.600 pessoas! Você atinge um público maior e não precisa do aparato de ter de viajar ou promover o deslocamento de produtores. É algo que veio para ficar. É uma revolução no jeito de levar informação para o produtor rural”, analisa o executivo.



Delivery de agricultura familiar

- ✓ **Cooperativa:** Cooperativa de Empreendedores Rurais de Domingos Martins (Coopram)
- ✓ **Mudança implementada:** Criação de um *delivery* com produtos da agricultura familiar
- ✓ **Ramo:** Agronegócio
- ✓ **Estado:** Espírito Santo

O fechamento das escolas por conta do novo coronavírus implicou na interrupção do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), um dos principais responsáveis pela aquisição de produtos da **agricultura familiar**. A paralisação afetou diretamente o funcionamento da Cooperativa de Empreendedores Rurais de Domingos Martins (Coopram), localizada no Espírito Santo, onde as aulas estão suspensas desde 17 de março.

Visando promover a comercialização dos alimentos produzidos por seus 200 cooperados, garantir a sobrevivência da cooperativa e a manutenção de empregos, a Coopram deu início à criação de um site para a venda dos produtos. Enquanto a plataforma era desenvolvida, a cooperativa recorreu às negociações via WhatsApp — trabalho que envolveu a divulgação dos produtos nas redes sociais do Sistema OCB e do Sebrae local.

O site foi lançado no fim de maio e já reúne 80% da demanda por produtos da cooperativa. A iniciativa integra a estatística da Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm), que aponta um aumento médio mensal de 400% no número de lojas que aderiram ao comércio eletrônico durante a quarentena. A média de abertura de lojas *on-line* era de 10 mil por mês até o meio de março, mas passou para 50 mil após as medidas de isolamento social serem adotadas em todo o país.

“A loja *on-line* é um projeto novo, que surgiu em decorrência da pandemia. Estamos aprendendo a trabalhar com esse novo mercado, pois ainda não temos muita experiência no meio digital. Contratamos uma empresa que criou o site e nos deu total suporte”, relata o presidente da Coopram, Darli José Schaefer.

Após ver uma postagem em rede social feita por uma amiga que havia adquirido uma cesta de alimentos da Coopram, a advogada e estudante de gastronomia Jéssica Oliveira resolveu também comprar alguns produtos. “Confesso que sou muito criteriosa com essa coisa de comprar alimento pela internet. Mas eu gostei de lá porque realmente

vem tudo muito fresco e de ótima qualidade”, comenta.

Há quase dois meses, Jéssica mantém a rotina de fazer uma encomenda por semana e diz gostar da praticidade de poder escolher cada produto que irá compor sua cesta. “Tem ainda a questão de valorizar os pequenos produtores; sempre procuro isso e tenho indicado para muita gente”, afirma. A advogada lembra que não tinha o hábito de fazer esse tipo de compra via internet, mas precisou se adaptar em função da pandemia e acredita que essa tendência será mantida no futuro próximo.

Hoje, a Coopram entrega cerca de 30 cestas de produtos por semana na região de Vitória, Vila Velha e Domingos Martins. Nada mal para um cooperativa que sequer possuía serviços de entregas em domicílio.

“Foi uma reinvenção necessária para a sobrevivência da cooperativa”, admite Schaefer. “Remanejamos as equipes que estavam paradas, como o caso da área responsável pelo atendimento ao PNAE, para atender a essa nova demanda de *delivery*. A qualidade dos serviços prestados tem feito a procura pelo nosso site crescer.”

Vale destacar: o setor de Alimentos e Bebidas foi o que mais cresceu dentro do comércio eletrônico brasileiro no mês de abril, com um aumento de 294,8% no volume de compras em relação a abril de 2019. Os dados são do Compre & Confie, que ainda contabilizou um faturamento do varejo digital brasileiro de R\$ 9,4 bilhões em abril, valor 81% maior do que o registrado no mesmo período do ano passado. Somente em abril foram realizadas 24,5 milhões de compras via internet no Brasil, 98% a mais do que em abril de 2019. Para saber mais, veja o case da Coopram em [Inova.coop.br/radar](https://nova.coop.br/radar).

INFORMAÇÃO IMPORTANTE!

No último dia 7 de abril, foi publicada a Lei nº 13.987, que altera o marco legal do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) para autorizar, durante o período de suspensão das aulas, a distribuição de gêneros alimentícios adquiridos com recursos do programa diretamente aos pais ou responsáveis dos estudantes das escolas públicas de educação básica. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação disponibilizou um manual com orientações para os agentes do setor.





Metamorfose em 15 dias

- ✓ **Nome:** Cooperativa de Ensino de Língua Estrangeira Moderna (Cooplem)
- ✓ **Estado:** DF
- ✓ **Mudança implementada:** Migração das aulas presenciais para uma plataforma digital de ensino
- ✓ **Ramo:** Trabalho, Produção de Bens e Serviços

Um dos setores mais impactados pela pandemia do coronavírus foi o educacional. Em todo o país, as aulas de escolas, cursos de idiomas e universidades estão suspensas desde o começo de março. Diante desse cenário, a primeira cooperativa de idiomas do Brasil — a Cooperativa de Ensino de Língua Estrangeira Moderna (Cooplem) — soube inovar rapidamente seu modelo de operação.

“Conseguimos colocar toda a equipe do presencial para trabalhar *on-line* em 15 dias, o que acho um tempo recorde”, comemora Débora Lima, presidente da Cooplem. Ela explica que, desde o ano passado, havia um projeto de desenvolvimento de uma plataforma de ensino

virtual. “A pandemia nos obrigou a acelerar esse processo. Foi desafiador, mas valeu a pena”, comemora.

Hoje, todas as aulas, os plantões, as atividades e avaliações da cooperativa funcionam digitalmente em uma plataforma que reúne mais de 7.500 alunos e 140 professores. As aulas são transmitidas ao vivo, nos mesmos horários das antigas turmas presenciais. De casa, os alunos acessam a plataforma da escola (<https://online.cooplem.com/>) usando *login* e senha, e participam das aulas por meio do Google Meet — serviço de videochamada que permite reunir até 250 participantes.

Antes de colocar a plataforma no ar, a direção da Cooplem teve o cuidado de realizar capacitações virtuais com os professores. Objetivo? Ensiná-los a lidar da melhor forma possível com as novas ferramentas do ensino a distância (EaD). Também foram desenvolvidas atividades de adaptação para alunos ao novo formato de ensino. “Criamos tutoriais, vídeos e *posts* explicando o passo a passo do ED.

Uma equipe foi disponibilizada para dar suporte aos alunos que enfrentassem alguma dificuldade, com colaboradores ajudando a criar os *logins* e a fazer as configurações necessárias para acessar a plataforma e entender o seu funcionamento. Tem sido uma adaptação para eles, e para nós também”, conta Débora.

O novo formato das aulas tem agradado os estudantes. “Particularmente, gosto muito das aulas *on-line*, porque a gente tem recursos muito bons, como filmes ou músicas, que às vezes não temos condição de usar na aula presencial”, avalia Giovanna Nolasco, aluna da Cooplem desde os 10 anos de idade. Para ela, a única dificuldade do formato digital foi encontrar maneiras de se manter concentrada na telinha do computador.

“Fazer as coisas em casa não é fácil, porque tem muito mais distração do que dentro de uma sala de aula. Então você realmente precisa estabelecer um horário fixo, fechar a porta e falar ‘agora não dá pra ter contato com ninguém’”, orienta a estudante.

Quando toda essa crise passar, a Cooplem não pensa em retroceder em relação às aulas digitais. “Nosso objetivo, agora, é ampliar nossa atuação *on-line*, levando nossos cursos para todo o Brasil”, vislumbra Débora.

O primeiro passo nesse sentido já foi dado. Em 16 de junho, foi lançado na internet o Cooplem em Casa — nova modalidade de curso 100% digital. Segundo ela, a projeção é alcançar no mínimo 13 mil novos alunos pela rede mundial dos computadores. Dessa forma, a cooperativa atuará nas duas frentes, tanto *on-line* quanto presencial, nas 12 unidades no Distrito Federal.

CARTILHA DE APOIO ÀS COOPERATIVAS

Para auxiliar cooperativas e cooperados a lidar com as mudanças necessárias nas estratégias de negócios durante a pandemia, o Sistema OCB lançou recentemente uma série de *e-books* orientando a trabalhar nas áreas de Marketing Digital, *Delivery*, *Home Office*, *Aulas On-line*, *Vendas pela Internet*, entre outros temas voltados para a inovação. Os guias podem ser acessados na recém-lançada plataforma InovaCoop (inova.coop.br)

Com linguagem fácil, didática e vários hiperlinks para quem quiser se aprofundar no assunto, as cartilhas provam ser possível inovar agora para não perder o bonde da história — já que pesquisas indicam que as pessoas vão manter os hábitos de consumo adquiridos agora, durante a pandemia. Além disso, o material orienta cooperados a lidar com a maior concorrência no e-commerce, tendo em vista o exponencial aumento de empresas presentes no mundo digital. “Se você não divulgar bem o seu produto ou serviço, não terá visibilidade. E se você não atender às novas demandas do seu cliente, pode acabar perdendo mercado agora e também no cenário pós-pandemia”, alerta Samara Araujo, coordenadora do Núcleo de Informações e Mercados do Sistema OCB.

Samara chama a atenção para o fato de que — neste momento de redução de gastos —, os consumidores sem tornam mais seletivos nas compras e menos fiéis a marcas, o que tende a ser propício para inserção de novas empresas no mercado. Nesse contexto, o marketing digital é ferramenta importante para a divulgação e o fortalecimento de uma marca.

“Muitas pessoas estão com o recurso mensal comprometido, tendo de fazer escolhas de consumo. Nesse momento, marcas que antes não estavam no universo digital, mas conseguem se inserir, têm a oportunidade de falar com essas pessoas, que estão mais flexíveis para mudar de fornecedor.”

Ainda de acordo com a coordenadora de inovação, as cooperativas devem avaliar a possibilidade de fazer parcerias para inovar em curto prazo, seja para criar uma plataforma de comércio eletrônico, incluir serviços de *delivery* ou contratar uma agência de marketing digital. “Nesse primeiro momento, é difícil montar uma equipe dedicada a isso, especialmente para as cooperativas de pequeno porte. Então, faz mais sentido fazer parcerias para inovar de forma ágil, barata e eficaz”, orienta.

Cooperação

PARA SALVAR VIDAS

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE ESTÁ USANDO O SISTEMA DE TELEATENDIMENTO DA UNIMED-BH PARA CUIDAR DOS PACIENTES INFECTADOS PELA COVID-19

Por Débora Brito

Quando o assunto é inovação, a Unimed-BH está sempre um passo à frente do mercado. Os 50 anos de história da cooperativa foram marcados pelo pioneirismo na busca por novas soluções para o setor de saúde. E são muitos os frutos positivos do investimento em novos modelos de atuação, que têm feito a diferença, principalmente com a chegada da Covid-19.

Um exemplo foi a implantação, em tempo recorde, da consulta *on-line* sobre coronavírus para os clientes — estratégia pioneira da Unimed-BH que garante a facilidade de acesso aos profissionais de saúde e contribui para proteger as pessoas dos riscos de contágio da doença, trazendo mais segurança, tanto para os beneficiários quanto para os médicos cooperados e as equipes assistenciais. O modelo foi implantado em 18 de março e segue todas as recomendações legais e dos órgãos de saúde.

Além disso, a Unimed-BH — alinhada com os princípios cooperativistas da intercooperação e do interesse pela comunidade — cedeu o sistema da consulta *on-line* para a Prefeitura de Belo Horizonte, que, por meio da Secretaria Municipal de Saúde também passou a oferecer o serviço para os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) da capital. O atendimento é realizado via portal da Prefeitura de Belo Horizonte, no link consultacoronavirus.pbh.gov.br. A Unimed-BH é responsável pela sustentação da operação virtual da plataforma, que inclui o custo com servidores, mão de obra especializada, além dos ajustes para adequar o sistema às necessidades da prefeitura.

“A pandemia nos apresentou um novo cenário e a inovação se mostrou o caminho para lidar com ele. Quando o assunto é tecnologia, a Unimed-BH vem acompanhando de perto as movimentações do mercado e desenvolve projetos, a fim de implementar soluções e otimizar os serviços da

cooperativa e de proporcionar ao cliente uma experiência nova e melhor”, explica o diretor-presidente da cooperativa, Samuel Flam.

A Unimed-BH também implantou o serviço de telemonitoramento dos pacientes com quadro suspeito de Covid-19 pelo

período de quarentena. Assim, a equipe assistencial tem condições de avaliar a evolução do quadro clínico e orientar o melhor percurso para o cliente no momento certo.

Resultados

Desde o lançamento da Consulta *On-line* Coronavírus, em 18 de março, já foram realizadas mais de 20 mil consultas. No início do mês de julho, o projeto atingiu o recorde de 847 pacientes atendidos em apenas um dia. No momento, são mais de 100 médicos comprometidos com esse formato de atendimento. Eles foram capacitados conforme o protocolo clínico e de acordo com as recomendações vigentes.

Um dos profissionais que aderiram a essa inovação foi o médico

cooperado Sérgio dos Santos Soares, especialista em clínica médica. “Essa modalidade de atendimento permite uma série de respostas que são adequadas e atendem à necessidade do cliente. É uma possibilidade de manter nosso trabalho em um ambiente com menos exposição ao risco”, relata.

Soares destaca outra vantagem do teleatendimento: a possibilidade de dar respostas adequadas a cada tipo de paciente, desde os que apresentam sintomas leves até os casos mais graves.

“Os pacientes que não estão naquele momento apresentando algum risco ou que tenham dúvida sobre sintomas

conseguimos orientar de forma adequada para desmistificar algumas informações, e isso gera uma segurança grande no paciente.”

Para suspeitos de contaminação pelo coronavírus, o médico lembra que a modalidade de atendimento *on-line* permite o acesso à solicitação de exames, atestado médico com assinatura eletrônica, entre outros procedimentos, sem sair de casa.

“Conseguimos otimizar toda a parte burocrática, que facilita para ele resolver a necessidade dele sem aumentar o risco de ser contaminado ou contaminar alguém. Esse talvez tenha sido um dos maiores ganhos para esse paciente.”



Neste momento, foi uma alternativa extremamente boa, tanto para o cooperado quando para o cliente”, disse.

A acessibilidade promovida pela consulta *on-line* também é citada pelo médico como algo positivo para pacientes com algum tipo de deficiência, como visual, auditiva ou de locomoção.

“Foi uma solução que contemplou demais esse grupo. O acesso foi muito bom para esses pacientes e as pessoas que têm fatores de risco mais importantes”, ressalta.

Quando é necessário o atendimento presencial, o médico orienta na consulta *on-line* o caminho que o paciente deve seguir e já entra em contato com a equipe presencial que receberá o

paciente para agilizar o fluxo de atendimento.

“Pensando em perspectivas futuras, tem pontos para melhorar, mas não tenho dúvida de que é um tipo de ferramenta que veio para ficar e terá um papel muito importante, com saldo muito positivo, em questões mais específicas, semelhantes a essa do coronavírus”, avalia o profissional.

De acordo com levantamento da Unimed-BH, após o início do serviço de consulta *on-line* sobre coronavírus foi registrada uma redução de mais de 64% nos atendimentos presenciais nos pronto-socorros da rede própria da cooperativa, contribuindo para proteger os clientes do risco de contágio.

Outro resultado positivo foi o serviço de telemonitoramento das pessoas com suspeita de coronavírus que estão em isolamento domiciliar — permitindo um acompanhamento do estado de saúde dos pacientes com maior frequência. Desde o dia 2 de março, já passaram pelo telemonitoramento mais de 18 mil clientes. Atualmente, mais de 1.000 pacientes estão sendo monitorados. O paciente recebe o contato de um profissional de saúde da Unimed-BH, que é responsável pelo telemonitoramento desse paciente durante os 14 dias de quarentena, seguindo o protocolo da Secretaria Municipal de Saúde, acompanhando de perto o seu estado de saúde.

Outras ações inovadoras DURANTE A PANDEMIA

ATENDIMENTO AO CLIENTE VIA WHATSAPP

O sistema é capaz de atender mais de 23 categorias de assuntos, tais como autorização e marcação de exames, pesquisa no guia médico e indicação de prestadores.

AGENDAMENTO DE VISITAS VIRTUAIS

É uma forma de reduzir os impactos emocionais e psicológicos agravados pelo distanciamento familiar. Desde abril, os pacientes internados nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) podem conversar com seus familiares por meio de *notebooks*. A inspiração veio de uma iniciativa italiana, onde há relatos de hospitais que usaram recursos tecnológicos já disponíveis para oferecer algum conforto a pacientes graves ou terminais.

Bootcamps são programas de ensino imersivo que focam nas habilidades mais relevantes de determinada área para atuar no mercado do século XXI. Mais comuns na área de tecnologia, esses treinamentos envolvem desafios práticos e de alto impacto capazes de formar desenvolvedores muito mais rápido que o ensino tradicional.

Tecnologia A FAVOR DA VIDA

A inovação faz parte do dia a dia da Unimed-BH. Com o olhar sempre voltado para as novas tendências, a cooperativa vem investindo no desenvolvimento tecnológico e na melhoria dos processos. Confira:



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Em 2019, a Cooperativa ampliou o uso de Inteligência Artificial (IA) nos processos, com o objetivo de gerar ainda mais eficiência, otimizando o trabalho das equipes.



BIG DATA

Transformar dados em conhecimentos aplicados ao negócio é um dos objetivos do Programa de Residência em Ciência de Dados (DataLab), em parceria com a UFMG. Em 2019, a iniciativa chegou à sua 2ª edição, promovendo a capacitação de colaboradores e o intercâmbio de informações na área.



TROCA DE CONHECIMENTO

Em 2019, a Cooperativa desenvolveu os primeiros projetos-pilotos de telessaúde, com iniciativas que conectam dois médicos em consultórios diferentes para a troca de informações e a melhoria da experiência dos clientes.



JUNTOS INOVAMOS

A iniciativa reconhece, todos os anos, as ideias inovadoras propostas por colaboradores e as boas práticas já desenvolvidas. A plataforma do projeto fica disponível durante o ano todo para a inscrição de ideias e boas práticas. Em 2019, foram mais de 365 ideias inscritas.



FORTALECENDO A INTERCOOPERAÇÃO

Criada pela Unimed-BH e a Unimed Vitória, a UNIO é uma empresa de tecnologia em saúde que oferece soluções digitais para outras operadoras do Sistema Unimed. Em 2019, a empresa consolidou-se como referência em desenvolvimento de softwares, soluções em tecnologia e aplicativos. Hoje, conta com outras três sócias: a Unimed Porto Alegre, a Seguros Unimed e a Central Nacional Unimed.



PROGRAMA HORIZONTES

A Consultoria Horizontes tem a finalidade de compartilhar conhecimento, levando o know-how e as ferramentas e soluções desenvolvidas dentro da nossa Cooperativa para outras singulares do Sistema Unimed. Em 2019, foram 16 contratos de cursos, oito de consultoria, e oito de cursos e consultorias, juntos. Além disso, realizamos dois **bootcamps**. A metodologia funciona como uma imersão dentro dos processos, possibilitando que outras singulares conheçam de perto nossas boas práticas.



TALKS UNIMED-BH

Em 2019, o Talks Unimed-BH firmou-se como um grande evento de tendências e inovação em Belo Horizonte e trouxe debates enriquecedores sobre o futuro do trabalho e a experiência do cliente, reunindo mais 600 pessoas. Em 2020, os temas foram: telemedicina e saúde digital.

Trabalhar é um direito

Texto: Lilian Beraldo
Fotos: Eduardo Rocha

Ao caminhar pelas ruas de Porto Alegre para admirar suas praças ou passear às margens do Rio Guaíba, turistas e moradores irão se deparar com a seriedade do trabalho do cooperativismo, mesmo sem saber. Toda a limpeza e conservação da capital gaúcha é garantida por uma cooperativa local, a Cootravipa — Cooperativa de Trabalho, Produção e Comercialização dos Trabalhadores Autônomos das Vilas de Porto Alegre.

Responsável pela gestão de toda a limpeza urbana da capital gaúcha, a cooperativa faz o monitoramento remoto de todo esse trabalho por meio de ferramentas de georreferenciamento. Qualidade e tecnologia andam juntas em um serviço que beneficia toda a população gaúcha e os cerca de dois mil cooperados da Cootravipa. Destes, 98% trabalham em serviços contratados por meio de licitação junto ao governo municipal — algo que só foi possível graças ao apoio do Sistema OCB, que tem ajudado as cooperativas de trabalho a garantir o direito

de participar de editais públicos de contratação para prestação de serviços. **(veja página 24).**

“Os contratos com o Poder Público têm muita importância para nossa cooperativa, já que 90% dos nossos trabalhos são firmados com a Prefeitura de Porto Alegre”, explica a diretora-presidente da Cootravipa, Imanjara Aleksandra de Paula.

Uma das principais vantagens de fechar contrato com o Poder Público é a segurança. Afinal, por lei, eles podem ser renovados por até cinco anos, se estiverem sendo executados com qualidade, eficiência e economicidade.

“Em toda a nossa história, não temos nenhum caso de contrato rescindido antes do tempo máximo previsto no edital”, comemora Imanjara. Essa é uma prova incontestável da qualidade dos serviços prestados pela cooperativa. “Para nós, são de fundamental importância tanto a boa execução dos serviços como a manutenção desses contratos, já que eles garantem renda ao nosso associado por todo esse período.”

Propósito

Diariamente, a equipe da Cootravipa garante a limpeza e a conservação das ruas, dos banheiros, dos edifícios públicos e das mais de 600 praças da capital gaúcha. Também ficam a cargo da cooperativa a capina da vegetação e um trabalho muito sensível e fundamental para a cidade: o monitoramento das casas de bomba de Porto Alegre. Em época de chuva, os motores desses equipamentos — que ficam distribuídos pela cidade — precisam ser ligados para puxar a água das ruas e impedir que o município alague.

Operadora de máquinas na Casa de Bombas da Azenha há 12 anos, Elenice Cristina da Silveira, 37 anos, considera o seu trabalho muito importante para a comunidade. “Para não inundar as ruas, não entrar água na casa dos outros, não estragar o bem que as pessoas adquirem com tanto suor”, afirma.

CONHEÇA A HISTÓRIA DE UMA COOPERATIVA QUE LUTOU NA JUSTIÇA PELO DIREITO DE PARTICIPAR DE LICITAÇÕES, VENCEU E MELHOROU A VIDA DE SEUS DOIS MIL COOPERADOS — E DE TODA A POPULAÇÃO DE PORTO ALEGRE

Ela conta que, na última grande chuva na cidade, recebeu a ligação de uma senhora perguntando se as bombas estavam funcionando direito. A pergunta vinha de uma história triste: há alguns anos, essa mesma senhora tinha perdido todos os móveis da casa, após uma grande enchente. Por isso, ela quis saber se poderia ligar de vez em quando para saber se os equipamentos estavam em dia. “Eu disse a ela que poderia me ligar, que passaria as informações. E também para não se preocupar, porque eu ia ficar a noite toda cuidando do nível da água e operando as bombas para que não acontecesse nada de ruim na casa dela nem das outras pessoas. É bom ter esse reconhecimento. Mostra que o meu serviço é importante”, afirma a cooperada.

Elenice lembra que, ao começar na função, havia poucas mulheres e ela foi desencorajada por muitos a permanecer no local. “Quando comecei aqui, só chovia, e o trabalho foi dobrado. Já fiquei ilhada, apaguei incêndio, passei por muitas coisas e superei tudo. Nunca tive uma reclamação do meu trabalho”, destaca. “Dizem que passarinho bom canta



Cootravipa nasceu do sonho de pessoas que viram no cooperativismo uma alternativa ao desemprego.



“NÃO OFERECEMOS APENAS TRABALHO E RENDA, OFERECEMOS OPORTUNIDADE DE MUDANÇA DE VIDA”

Imanjara Aleksandra de Paula,
diretora-presidente da
Cootravipa

Cooperados adoram trabalhar para a prefeitura e nunca tiveram um contrato rescindido.

em qualquer gaiola. Então, acho que eu sou um passarinho bom.” Cooperada há 21 anos — por indicação da mãe, também cooperada —, Elenice garante: o trabalho na Cootravipa ajudou-a a conquistar vários sonhos, do carro à casa própria. A renda obtida ao longo dos anos também assegurou a educação e o bem-estar dos quatro filhos — o mais velho hoje tem 22 anos e a mais nova, 9.

Dna de luta

A Cootravipa completa 36 anos de luta e história em 2020, com uma peculiaridade: é oriunda da periferia de Porto Alegre e foi liderada por um grupo de pessoas que viram no cooperativismo uma alternativa de geração de trabalho e renda frente ao desemprego da época (**veja quadro**).

Desbravadores e visionários, os fundadores sempre tiveram um objetivo em mente: acolher todos, independentemente do histórico de vida. É por isso que a cooperativa tem entre seus membros pessoas saídas do sistema prisional, portadores de HIV, deficientes físicos e trabalhadores com mais de 50 anos.

“Temos acolhido, desde a nossa fundação, todas as pessoas que não teriam essa oportunidade fora da cooperativa, devido ao perfil de mercado e a preconceitos”, destaca a diretora-presidente da cooperativa, Imanjara Aleksandra de Paula.

A atual presidente da Cootravipa tem uma história longa, de coragem e afeto dentro da cooperativa. Ela entrou como cooperada aos 17 anos, por influência da mãe, e tem o cooperativismo como paixão.

“Eu tenho no DNA o cooperativismo. Minha mãe foi uma das fundadoras da Cootravipa. Agora estamos na terceira geração de cooperativismo, porque minha filha já se formou e está trabalhando na cooperativa”, conta.

A filha, Edna Marques de Paula, 25 anos, trabalha no setor jurídico da cooperativa. Já a mãe de Imanjara, Elisabet dos Santos Freitas, 70 anos, atua na área de educação, lecionando em diversos cursos aos cooperados.

“Ela é muito ativa, tem muito conhecimento político e é muito reconhecida, porque foi protagonista do cooperativismo de trabalho. É uma referência nacional”, conta Imanjara, sem esconder o orgulho pela história da matriarca da família.

Da mesma forma que Imanjara, há histórias de famílias inteiras que trabalham dentro da

cooperativa. “Tem três, quatro gerações que trabalham na Cootravipa. Pessoas que entraram com uma tornozeleira eletrônica, sendo monitoradas pelo sistema prisional, e hoje são líderes de equipe.”

Gestão feminina

Ao longo dos 27 anos na cooperativa, Imanjara conta ter passado por diversos setores — desde um contrato de ponta como digitadora, ao setor de recursos humanos e financeiro — para adquirir o conhecimento de toda a operação envolvida.

Há quatro anos, ela e mais duas colegas resolveram se lançar para a diretoria da cooperativa, em uma época de crise institucional e financeira grave. A chapa formada só por mulheres saiu vitoriosa

e já está concluindo o último ano de gestão à frente da Cootravipa.

Ainda hoje, a sede da Cootravipa fica dentro da comunidade onde foi fundada, a Vila Orfanotrofe 1.

“Por ser uma cooperativa de periferia, há muito preconceito. Achar que tem gente explorando alguém. Tem um dono. Mas aqui as pessoas são donas do seu próprio trabalho”, diz a presidente, destacando a preocupação da cooperativa com a comunidade e com uma mudança efetiva na vida das pessoas.

“Não oferecemos apenas trabalho e renda, oferecemos oportunidade de mudança de vida por meio da educação. Por isso investimos tanto em capacitação e em cursos, para nossos sócios poderem mudar a perspectiva”, completa.

Obstáculos legais

A história do cooperativismo de trabalho junto a órgãos públicos nem sempre foi amistosa, como hoje. “Antes da reforma trabalhista e da atuação da OCB, eles entendiam que só poderiam trabalhar pessoas com carteira de trabalho assinada, uma visão retrógrada e antiga, que não corresponde ao mundo moderno. e ao cooperativismo”, avalia a diretora-presidente da Cootravipa, Imanjara Aleksandra de Paula.

Um dos principais gargalos era o fato de não compreenderem que os cooperados não eram empregados da cooperativa, mas os verdadeiros donos do negócio.

Outro desafio enfrentado: houve quem quisesse se aproveitar

Um pouco de história

Se tem uma coisa que o cooperativismo faz bem é unir pessoas em torno de um ideal. E foi assim também que surgiu a Cootravipa, fundada em julho de 1984, oriunda do movimento comunitário de Porto Alegre. À época, mais de 3 mil pessoas viviam desempregadas com suas famílias na Grande Cruzeiro, área de periferia da capital gaúcha.

Após muita discussão, a União de Vilas, com a comunidade, decidiu montar acampamento na Praça da Matriz, para reivindicar junto aos governos municipal e estadual uma solução para o desemprego e a miséria. A contraproposta veio da prefeitura, com a oferta de 200 vagas de trabalho. O estado não apresentou soluções e colocou a Tropa de Choque da Polícia Militar para coibir e controlar o movimento.

Os moradores retornaram à Vila Cruzeiro e começaram a discutir a proposta de abrir uma cooperativa. O presidente da Vila Orfanatório 1, Osmar Freitas, explicou que, no Chile, na Argentina e no Uruguai, os trabalhadores estavam se organizando em forma de cooperativas para solucionar o problema do desemprego. Era a vez de o Brasil se lançar na corrente.

Para constituir uma cooperativa, entretanto, era preciso ter 20 pessoas com capital suficiente para iniciar o negócio. Como a maioria dos interessados era de desempregados, essa foi a primeira dificuldade.

Mas não há nada que a união e a determinação não superem. Ao final da empreitada, o total arrecadado superou o necessário e foi assim que, em julho de 1984, nasceu a Cootravipa.

Em todos esses anos, o lema da cooperativa se manteve o mesmo: oferecer melhores condições de trabalho e dignidade aos seus associados, cumprindo um papel social de resgate da cidadania das pessoas que vivem à margem da sociedade.



do modelo cooperativista, não se importando em seguir os valores e as obrigações legais de uma cooperativa, como a destinação de parte dos recursos acumulados em projetos de desenvolvimento das comunidades locais. “Eram empresários que viram a oportunidade de operar com menos encargos e impostos do que uma empresa, mas não seguiam o princípio cooperativista de repartir os resultados com os cooperados e com a sociedade. Essas falsas cooperativas mancharam a nossa imagem e até hoje afetam a imagem das cooperativas de verdade”, reforça Margareth Cunha, coordenadora nacional do Ramo Trabalho, Produção de Bens e Serviços.

Essa situação levou o Ministério Público do Trabalho a exigir da União a assinatura de um Termo de Ajuste de Conduta (TAC), dificultando a participação de legítimas cooperativas em licitações públicas, o que prejudicou o campo de atuação do ramo como um todo.

Cansadas de encontrar situações adversas pelo caminho, as cooperativas de trabalho resolveram lutar por uma lei própria, que só foi aprovada em 2012. A Lei nº 12.690 foi um marco que regulamentou e legitimou essas organizações.

“A lei trouxe um novo olhar sobre o cooperativismo de trabalho, além de seriedade para o ramo”, destaca Imanjara. “De lá pra cá, isso [preconceito com as cooperativas] mudou bastante, no sentido de que a lei legitimou muita coisa e depurou aqueles que eram mal-intencionados”, completa.

Apesar da legislação, muitos editais de licitação com o Poder Público ainda proíbem a participação das cooperativas. Alguns órgãos da administração pública usam como justificativa a Súmula 281, do Tribunal de Contas da União (TCU), que veda a participação de cooperativas em licitações, quando — pela natureza do serviço ou pelo modo como é usualmente executado no mercado em geral — houver necessidade de subordinação jurídica, pessoalidade e habitualidade.

“Isso é inconstitucional. Uma coisa tem de ficar muito clara: nós não intermediamos mão de obra, porque trabalhamos com os donos. Os trabalhadores das cooperativas são os próprios donos da cooperativa”, afirma Margareth,

reforçando que os custos para a cooperativa aumentam com a proibição em edital.

“O custo para uma cooperativa participar é muito grande, porque tem de constituir uma banca de advogados, tem de impugnar o edital, e isso atrasa em seis meses a mais a licitação. E, depois, as empresas também tentam impugnar”, explica Margareth, lembrando que a Justiça tem dado ganho de causa às cooperativas e que organizações recém-criadas dificilmente teriam condições de travar esse tipo de embate jurídico.

Jurisprudência

A presidente da Cootravipa lamenta que o Poder Público ainda não tenha compreendido bem a lei e destaca que o Poder Judiciário tem sido mais rápido nesse entendimento. “A Lei demorou um pouco para se consolidar na jurisprudência e ainda hoje muitos não a compreendem bem. Em Porto Alegre, em todos os processos licitatórios de que nós participamos, nós ganhamos o direito de participar por meio de ações judiciais, porque no edital já excluíam as cooperativas”, relembra.

“O Judiciário demorou um pouco para entender a nova lei, mas foi mais rápido na sua compreensão do que o Ministério Público do Trabalho (MPT) e as procuradorias dos municípios, por exemplo. É direito das cooperativas — que cumprem a lei — participar das licitações”, completa.

O próximo passo, segundo ela, é tentar criar um grande diálogo com todos os atores envolvidos — MPT, Justiça do Trabalho e Tribunais de Contas — para que seja consolidado um entendimento positivo do que é uma verdadeira cooperativa de trabalho e do que ela faz.

“Ainda neste ano, queremos criar um grande diálogo aberto, grande alinhamento entre todos para que se possa avançar efetivamente. Porque senão fica sempre indo para a área judicial — o que é muito desgastante. Queremos partir para uma nova etapa, que é incentivar o surgimento de cooperativas de trabalho sadias e verdadeiras”, destaca Imanjara.

CONHEÇA AS ESTRATÉGIAS ADOTADAS PELO COOPERATIVISMO INTERNACIONAL NO ENFRENTAMENTO À COVID-19



Por Tchéréna Guimarães

De repente, todo o mundo se viu diante de um inimigo invisível. Ele chegou mudando tudo e exigindo novas formas de viver, produzir e trabalhar. Minúsculo, mas com efeito devastador, o novo coronavírus se alastrou até tornar-se uma pandemia. Seus efeitos foram sentidos mundialmente, não apenas na saúde, mas também na economia. Mais do que nunca, cooperar virou uma necessidade entre pessoas, nações, cientistas e políticos. Somente juntos conseguiremos vencer a Covid-19.

Dentro desse contexto, o movimento cooperativista — que sempre defendeu esse ideal — está trabalhando para a superação dessa crise. “Valores de solidariedade e cooperação são mais necessários hoje do que nunca. Alguns pensadores preveem uma nova ordem global. Eles apontam para uma redescoberta do valor do estado social, especialmente no que diz respeito à saúde, educação e assistência social”, afirma a diretora de Cooperativismo da Organização Internacional do Trabalho (OIT) Simel Esim. “Este também é um momento em que muitas pessoas estão percebendo a necessidade de

práticas de negócios transformadoras que não se importam apenas com a questão econômica”, acrescenta.

De acordo com a OIT, mais de cinco bilhões de pessoas foram afetadas em todo o mundo pelos bloqueios que determinaram medidas de isolamento social contra a disseminação do novo coronavírus. A interrupção total ou parcial das atividades empresariais causada pelos bloqueios colocou 436 milhões de empresas em risco. Em decorrência das medidas, outros milhões de trabalhadores estão sem empregos e sem renda para o próprio sustento e o dos seus familiares.

As cooperativas, como todos os outros setores da economia global, também estão sentindo o impacto desta crise sem precedentes. Desde o princípio, no entanto, elas têm trabalhado interna e externamente para enfrentar a pandemia, auxiliando os seus membros, as comunidades onde estão inseridas e a sociedade como um todo. São contribuições e experiências que têm gerado resultados impactantes ao redor do mundo. Confira:

Medicamentos naturais desenvolvidos dentro de uma antiga filosofia indiana, com mais de dois mil anos de existência. A palavra Ayurveda é proveniente do sânscrito e possui duas partes: Veda, que é traduzido como conhecimento, ciência ou sabedoria; e Ayus, que significa vida. Nesse contexto, Ayurveda é o conhecimento, a ciência ou sabedoria que propõe uma vida saudável em harmonia com as leis da natureza.

Índia

Muitas cooperativas mudaram suas produções para atender melhor à população. Em vez de manipular **medicamentos ayurvédicos** elas agora fabricam máscaras faciais e desinfetantes para as mãos. Os materiais foram distribuídos para pessoas com alto risco de contágio pela Covid-19, incluindo trabalhadores da linha de frente, como profissionais de saúde.

Cooperativas de crédito atuaram para reduzir os impactos econômicos gerados pela crise e reduziram taxas com o objetivo de assegurar que pessoas físicas e jurídicas conseguissem honrar seus compromissos. O cooperativismo também tem sido um dos principais responsáveis por manter a cadeia de suprimentos de alimentos e mercadorias essenciais em movimento. Vale destacar: a Índia é o país com o maior número de cooperados do mundo.



Itália

Segundo país no epicentro do novo coronavírus, a Itália registrou, em poucas semanas, um grande número de contaminados e mortes. Nesse momento de extrema dificuldade, muitas cooperativas colocaram suas estruturas à disposição para a fabricação de equipamentos de proteção hospitalar que ficaram em falta no país e no mundo durante o pico da Covid-19.

As cooperativas fizeram doações aos hospitais e ofereceram transporte gratuito para médicos, enfermeiros e pacientes. Também disponibilizaram refeições e bens essenciais para pessoas necessitadas.

O bloqueio no país exigiu novas formas de trabalhar nas cooperativas. Paolo Scaramuccia, coordenador de produção da Liga Nacional de Cooperativas (Legacoop), explica que, desde março, todas as atividades passaram a ser realizadas no ambiente **on-line**, como reuniões e treinamentos. Como no caso da China, essa medida estimulou as cooperativas a investirem em inovação e treinamento com foco nas tecnologias digitais.

“Nestes meses temos aprendido que estar presente faz diferença. As necessidades do mercado mudaram, surgiram novos regulamentos e novas necessidades, mas nós aprendemos que mudar é possível em um período curto de tempo. Fizemos muito mais coisas do que antes fazíamos, e na metade do tempo. Estamos todos trabalhando de maneira muito mais inteligente, poluindo menos e construindo o futuro”, afirma.

Além disso, para ajudar as cooperativas com problemas de liquidez financeira, a Liga ofereceu empréstimos com taxas de juro zero.



África

O continente africano — composto por muitas economias subdesenvolvidas — também tem sofrido com bastante intensidade os efeitos da pandemia. A diretora regional da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) África, Chiyoge B. Sifa, salienta que as cooperativas estão trabalhando em parceria com os governos dos países mais afetados, colaborando tanto com a promoção de políticas públicas quanto promovendo iniciativas próprias de auxílio à população.

“As cooperativas têm tentado se organizar rapidamente para auxiliar os seus membros. Os cooperados também têm colaborado conosco, com a doação de dinheiro, alimentos e produtos de higiene, para podermos implementar as medidas do governo”, acrescenta.

Como o comércio foi fortemente atingido pelo **lockdown**, as cooperativas precisaram fazer empréstimos com a Ásia e Europa, além de países africanos, para a compra de equipamentos de saúde. “A infraestrutura de saúde e a infraestrutura de transporte têm recebido poucos investimentos. Então, isso tem sido um fator negativo para o desenvolvimento da nossa resposta à Covid. As nossas cooperativas têm feito o possível para ajudar os nossos governos e as nossas economias”, avalia Chiyoge.

O Banco Cooperativo do Quênia, por exemplo, doou 1 milhão de dólares para o enfrentamento do vírus e a aquisição de equipamentos médicos. Outra contribuição das cooperativas tem sido o compartilhamento de informações sobre a prevenção à doença.

O pico da Covid-19 no país é esperado para o mês de setembro. Até lá, a insegurança alimentar deve ser fator de constante atenção. Para enfrentar essa dificuldade de acesso a alimentos básicos, as cooperativas contam com o apoio de outros continentes no estímulo à agricultura.

Ao avaliar o momento, a diretora da ACI na África afirma que a pandemia tem ensinado a importância da sustentabilidade financeira e de recursos. “A pandemia nos ensinou que é preciso ter alguma reserva para poder oferecer. Temos visto como o mundo tem se esforçado para superar o problema, e que muitos países fecharam suas fronteiras. A sustentabilidade nacional em cada país e a das nossas próprias organizações se tornaram fundamentais e terão repercussão na forma que cooperaremos. Qualquer momento uma nova crise pode vir, e não podemos estar vulneráveis”, avalia.

Chiyoge acrescenta que não podemos alcançar essa sustentabilidade sem cooperação. “Nossos amigos de outros países nos precederam nessa experiência. Logo, não precisamos reinventar a roda”, prevê a diretora, citando o caso da China, que conseguiu uma boa resposta à pandemia e tem colaborado com o intercâmbio de informações.



“AS NOSSAS COOPERATIVAS TÊM FEITO O POSSÍVEL PARA AJUDAR OS NOSSOS GOVERNOS E AS NOSSAS ECONOMIAS.”

Chiyoge B. Sifa, diretora regional da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) África



China

As cooperativas conseguiram importantes resultados na estruturação de respostas à Covid-19 relacionada à produção no campo. Como o país foi o primeiro a sentir os efeitos sanitários e econômicos da pandemia, as cooperativas precisaram desenvolver estratégias rápidas e inovadoras para garantir a produção de alimentos, inclusive na província de Hubei — o primeiro epicentro da Covid-19.

“Muitas cooperativas instituíram equipes de trabalho imediatamente para ajudar a distribuir suprimentos, além de reunirem esforços para garantir que os insumos — como fertilizantes, inseticidas e sementes — estivessem disponíveis para a produção no campo”, explica Zhang Wangshu, diretor-geral do Departamento de Cooperação Internacional da Federação Chinesa de Cooperativas (ACFSMC) — entidade de representação que conta com 17 milhões de cooperados, sendo a sua maioria produtores rurais.

Uma das formas encontradas para amenizar os impactos do bloqueio — que durou cerca de dois meses no país — foi o desenvolvimento de plataformas digitais para comercialização de produtos e o aperfeiçoamento da **plataforma 832**, voltadas para o estímulo do comércio nas 832 comarcas chinesas consideradas de extrema pobreza. Os recursos *on-line*, como transmissões ao vivo, foram amplamente utilizados para a

promoção do produtos do campo. Em paralelo, as cooperativas se empenharam na melhoria da rede logística de circulação dos produtos e na conexão entre as áreas urbanas e rurais.

No âmbito das cooperativas, a resposta à Covid 19 se dividiu em quatro linhas principais:

- Empenho de esforços para a retomada de trabalho e produção;
- Proteção à produção agrícola;
- Assistência ao comércio de produtos; e
- Recuperação contínua com a melhoria da rede de circulação.

A intercooperação foi fundamental para o sucesso dessas ações. “Um dos princípios fundadores das cooperativas é o de assistência mútua. Convocamos todas as cooperativas a apoiar a província de Hubei e comprar produtos de lá, e recebemos um feedback muito positivo”, comemora Wangshu.

O resultado foi surpreendente: mais de US\$ 90 milhões vendidos em produtos como chás e lagostim somente na província. Essa cooperação mútua também ajudou a fomentar a rede de supermercados e lojas de conveniência, além de estar colaborando para o desenvolvimento de ações pós-pandemia.



Brasil

O representante do Brasil no Conselho de Administração da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), Onofre Cezário Filho, ressalta a importância da cooperação entre países no combate à Covid-19.

“A partir das experiências vividas no Brasil e observadas em outros países, fica claro que o caminho natural e necessário para a saída dessa crise global é a cooperação. As organizações com maior capacidade de atender às novas demandas sociais de forma mais justa e solidária, sem dúvidas, são as cooperativas”, afirma.

Para a OIT, as cooperativas precisam ser reconhecidas não apenas pelas suas colaborações nos momentos emergenciais, mas também pelos seus potenciais na recuperação e transformação de sociedades e economias a médio e longo prazos.

“É importante que as cooperativas mostrem ao mundo como esse modelo de negócios pode criar empregos e novas fontes de renda, já que haverá muitas falências e demissões em empresas tradicionais”, enfatiza a diretora de Cooperativismo da OIT Simel Esim. “Temos toda a confiança de que os valores e princípios do cooperativismo podem orientar a transição não apenas para um novo normal, mas para um melhor normal”, conclui.



“VALORES DE SOLIDARIEDADE E COOPERAÇÃO SÃO MAIS NECESSÁRIOS HOJE DO QUE NUNCA.”

Simel Esim,
diretora de Cooperativismo da Organização Internacional do Trabalho (OIT)



Pingue-pongue

ANDREW ALIMADI, COORDENADOR DE COOPERATIVAS DO DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS DA ONU

Como as cooperativas podem agir para reduzir os efeitos da pandemia em suas comunidades?

A Covid-19 levou a muitas perdas de empregos. A economia mundial deverá encolher 3,2% em 2020, com a mudança no Produto Interno Bruto caindo para -5% nos países desenvolvidos e cerca de -1% nos países em desenvolvimento, levando a mais desigualdade e ao aumento da pobreza. As cooperativas e outras empresas da economia social e solidária já estão respondendo tanto à emergência de saúde quanto ao impacto econômico e seus efeitos sobre os trabalhadores e as comunidades. Os princípios cooperativos continuarão sendo um guia útil de ação para as cooperativas neste período de crise, particularmente o princípio 7, de atendimento à comunidade. Isso significa adaptar os arranjos de trabalho que protegem a saúde e a segurança da comunidade e colaborar com os governos para promover a ampla adoção de práticas de trabalho seguras.

Como as cooperativas podem colaborar na retomada do crescimento econômico dos países afetados pela pandemia?

A Covid tornou o ambiente operacional de negócios mais desafiador para todas as empresas, incluindo as cooperativas. À medida que se ajustam ao novo ambiente, as cooperativas continuarão a fornecer trabalho decente aos seus membros e garantir que a adaptação não leve a uma diminuição dos padrões. As cooperativas podem realmente ser uma luz brilhante para outras empresas sobre como se adaptar ao novo normal e continuar trabalhando para o desenvolvimento sustentável.

E na área da saúde? Qual o papel das cooperativas?

As cooperativas de saúde têm servido seus membros e suas comunidades de várias formas nos últimos dois séculos, mesmo em países com sistemas de saúde pública universais robustos e com potencial para expandir amplamente seus serviços. Cerca de 100 milhões de famílias em mais de 70 países em todo o mundo desfrutam de acesso a cuidados de saúde graças às cooperativas. Existem mais de 3.300 cooperativas de saúde no mundo.

Como as cooperativas podem participar de uma economia mais inclusiva e sustentável?

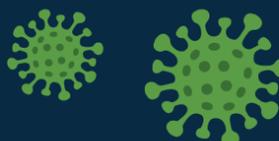
As cooperativas sempre foram muito adaptativas ao responder às condições sociais e econômicas e às necessidades de seus membros e consumidores. A Covid elevou a consciência geral das populações sobre os impactos destrutivos da desigualdade e da degradação ambiental. Muitos países estão agora falando em se recuperar melhor e em mudar o modelo econômico das cadeias de suprimentos internacionais *just-in-time*. Isso poderia levar a um aumento na produção local e criar oportunidades para empregos decentes e padrões sustentáveis de produção e consumo. Em tudo isso, as cooperativas já estão na liderança e em um bom lugar para se adaptar aos novos desafios.

Poderia compartilhar uma mensagem com os líderes das cooperativas brasileiras?

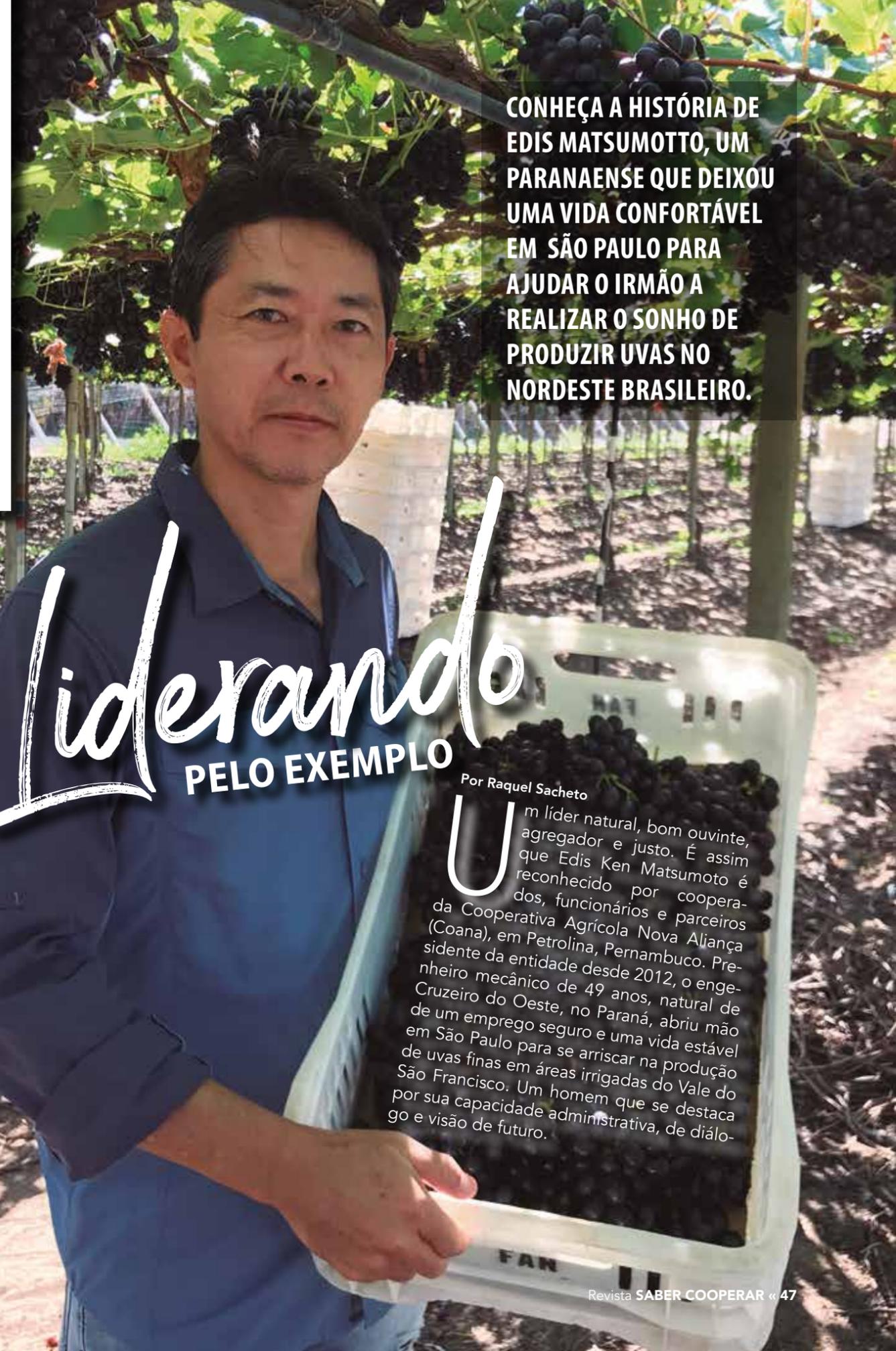
O movimento cooperativo no Brasil é uma inspiração para todos nós. De cooperativas médicas, como a rede de assistência médica da Unimed, a cooperativas financeiras, como a Sicredi, as cooperativas no Brasil têm uma reputação global de fornecer eficiência, criatividade e serviço aos seus membros e às comunidades. Quero, portanto, parabenizar a liderança cooperativa no Brasil pelo que você está fazendo.

Como o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (Desa) colabora com o movimento cooperativo?

Trabalhamos em estreita colaboração com outros parceiros do Comitê para a Promoção e o Avanço de Cooperativas (COPAC) no apoio do desenvolvimento de cooperativas no mundo. O Comitê inclui a Aliança Cooperativa Internacional, a Organização Internacional do Trabalho, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, e o Sindicato Mundial dos Agricultores. O DESA organiza oficinas de capacitação para cooperativas e fornece conselhos de políticas aos países sobre o fortalecimento do movimento cooperativo. ■



PERFIL



CONHEÇA A HISTÓRIA DE EDIS MATSUMOTO, UM PARANAENSE QUE DEIXOU UMA VIDA CONFORTÁVEL EM SÃO PAULO PARA AJUDAR O IRMÃO A REALIZAR O SONHO DE PRODUIR UVAS NO NORDESTE BRASILEIRO.

Liderando PELO EXEMPLO

Por Raquel Sacheto

Um líder natural, bom ouvinte, agregador e justo. É assim que Edis Ken Matsumoto é reconhecido por cooperados, funcionários e parceiros da Cooperativa Agrícola Nova Aliança (Coana), em Petrolina, Pernambuco. Presidente da entidade desde 2012, o engenheiro mecânico de 49 anos, natural de Cruzeiro do Oeste, no Paraná, abriu mão de um emprego seguro e uma vida estável em São Paulo para se arriscar na produção de uvas finas em áreas irrigadas do Vale do São Francisco. Um homem que se destaca por sua capacidade administrativa, de diálogo e visão de futuro.

“O Edis sabe gerenciar conflitos, é muito focado em resultados e também em pessoas. Sempre ouve as diferentes opiniões e procura ser justo em suas decisões”, afirma Talita dos Santos Silva, gerente da Coana. O irmão e sócio Newton Shun Matsumoto concorda e acrescenta: “Ele sempre foi uma pessoa de diálogo, de entendimento. Lidera pelo argumento e não pelo poder. Pessoas assim são cada vez mais difíceis de encontrar”.

Para Edis, o preço da liderança é alto, mas recompensador. “É preciso saber ouvir, não perder a paciência com os diferentes pontos de vista, agregar e alinhar pessoas e pensamentos. Nada disso é fácil, mas quando conseguimos alcançar os resultados almejados, é também extremamente gratificante; uma conquista coletiva e que se potencializa justamente por isso.”

Apaixonado pelo que faz, ele explica o que o motiva a se levantar todos os dias: sentir que pode fazer a diferença. Esse é o estímulo que o faz se dedicar diariamente a busca de alternativas que permitam aprimorar cada vez mais os processos que envolvem as necessidades da cooperativa. Uma característica claramente percebida pelos sócios e cooperados da Coana.

“Em geral, a principal característica dos nossos cooperados é o conhecimento técnico com a produção propriamente dita. O Edis conhece a parte de gestão, de administração mesmo. E isso permitiu uma maior profissionalização da cooperativa tanto em termos de estrutura quanto funcional. Ele trouxe empresas parceiras, consultoria especializada”, destaca Newton.

Jerry Ito, também cooperado desde a fundação da Coana concorda: “Com o Edis experimentamos uma nova era de governança, gestão e valorização dos profissionais envolvidos. Ele investiu em capacitação e em processos de avaliação vertical e horizontal de alto nível que trazem resultados inquestionáveis e valorizam o nosso produto. Apesar de também ser cooperado, age mais como um CEO e deixa aflorar um trabalho de excelência como gestor e coordenador”.

De fato, foi por iniciativa de Edis que a Coana desenvolveu seu primeiro planejamento estratégico, pensado para o quinquênio 2017-2021. As metas, no entanto, podem ser alcançadas já em 2020. “Projetamos um faturamento de R\$ 100 milhões e a comercialização de 11 mil toneladas de uva para o final de 2021, e nossas projeções apontam que vamos alcançar esses números ainda este ano. Além disso, avançamos na criação de um departamento de marketing e outro de tecnologia da informação que também faziam parte do planejamento”, explica o gestor.

Trajectoria

Fundada em abril de 2005, a história da Coana está entrelaçada com a trajetória de Edis em Petrolina. Tudo começou com Newton, que se mudou para a região ainda na década de 1980, quando era funcionário da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC). Engenheiro agrônomo, ele sempre quis atuar em áreas de fronteira agrícola e decidiu deixar a Cotia para trabalhar com consultoria e assistência técnica no Vale do São Francisco. Quando surgiu uma oportunidade, adquiriu terras em sociedade com Edis (que até então entrou apenas com capital) e investiu no plantio de uvas sem semente. Deu tão certo que ele chamou o irmão para assumir a sociedade de fato e o ajudar na fazenda.

Era o ano de 2002 e Edis atuava como engenheiro mecânico em uma grande empresa em São Paulo. Estava casado há cerca de um ano e não se via como produtor agrícola, apesar de ser filho de um pequeno agricultor que plantava café e uvas, tinha uma granja de galinhas poedeiras e chegou a criar bicho-da-seda. “Quando o Newton me chamou, conversei com minha esposa Priscilla e resolvemos arriscar. Já tínhamos em mente que não queríamos criar nossos futuros filhos na correria de uma cidade como São Paulo e vimos o convite como uma oportunidade”, relembra Edis.

A mudança foi acomodada em uma caminhonete e o casal partiu sem pressa rumo a Petrolina. Também levavam na

bagagem mais incertezas que certezas. “Não sabíamos como seria, mas confiava muito no trabalho do meu irmão”, diz Edis. No caminho, descobriram que Priscilla estava grávida. Assim, a chegada foi cercada de uma forte carga de emoção e dúvidas. “Foi tudo

Amor PELO COOPERATIVISMO

Edis é um defensor apaixonado do cooperativismo. Acredita no trabalho colaborativo e vende a ideia para todo mundo que pode. “Representa uma solução importante para muitos problemas que sozinhos não conseguimos resolver. Permite, por exemplo, ganho de escala tanto para a produção quanto para a comercialização, acesso à tecnologia de ponta e assistência técnica especializada, além de suporte financeiro e administrativo. São inúmeros os pontos positivos”, ressalta.

Ele acredita, inclusive, na intercooperação (cooperação entre cooperativas) e, por isso, está engajado a várias que se completam para o desenvolvimento da Coana como sindicatos de produtores de uva, o sistema OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) e o Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural).

“Só no perímetro irrigado em que atuamos são cerca de 2.200 pequenos produtores de frutas. Por outro lado, são pouquíssimas cooperativas. Gostaria de ver esse quadro mudar, mas um dos pontos que impedem essa mudança a meu ver é a falta de lideranças fortes e confiáveis. Por isso, precisamos investir também na formação de pessoas voltadas para a gestão”, afirma.

muito radical. Saímos de uma cidade em que tínhamos tudo e chegamos em um local com um índice de pobreza muito alto, no meio do semiárido e com uma dinâmica completamente diferente”, acrescenta.

A adaptação não foi fácil, principalmente para Priscilla. “O Edis tinha o irmão e os pais que também vieram para Petrolina. Eu não tinha ninguém da família por perto e, além disso, tudo era longe e difícil, ainda mais com um filho recém-nascido”, relata. Edis lembra que se estressava muito no início por conta do ritmo mais lento da cidade e as dificuldades para resolver peque-



Edis e Priscila Matsumoto

nas coisas. “Como família, acredito que levamos cerca de cinco anos para nos adaptarmos por completo. Isso só aconteceu quando nasceu nossa filha e conseguimos consolidar algumas amizades”.

Quando chegou, Newton e o pai de Edis já eram associados a uma outra cooperativa em Juazeiro, na Bahia, cidade vizinha a Petrolina, separada apenas pelo Rio São Francisco. Ele também se associou e passou a compor o conselho fiscal da entidade. Em 2005, no entanto, divergências sobre os rumos que deveriam seguir levou a uma ruptura e a fundação da Coana. “Queríamos focar na qualidade e na exportação da nossa produção. Para isso, precisávamos investir em certificações internacionais. A Coana nasceu voltada para essas características”, explica Edis.



Um líder nato

Apaixonado por gestão, Édis fez uma pós-graduação na área quando ainda morava em São Paulo e sempre participou da diretoria da Coana, atuando nas áreas contábil e financeira. “A produção é o ponto crucial para os associados, que se voltam muito para essa parte e acabam tendo menos tempo para as questões administrativas. Como gosto e tenho facilidade com essa parte, liderar a cooperativa acabou sendo um processo natural”, afirma.

Prestes a completar 15 anos de existência, a Coana, segundo Edis, ainda tem muito para avançar, mas já começa a dar mostras de amadurecimento. “Tivemos um período muito difícil entre o quinto e o décimo ano, principalmente no que diz respeito a questões de relacionamento. Agora, no entanto, estamos mais próximos de uma grande família. Já conseguimos falar e escutar sem nos machucar e esse é um sinal evidente de maturidade. Levamos 12 anos para fazer nosso primeiro planejamento estratégico, mas temos trabalhado muito essa questão da gestão e profissionalização de nossas ações para que o futuro seja cada vez mais promissor”.

Edis acredita que a Coana estará totalmente desenvolvida quando alcançar uma estrutura capaz de medir a eficiência de todos os seus setores e tiver uma visão voltada para a sucessão, a partir da troca de geração. “Precisamos nos preocupar com quem virá depois de nós. Nossos sucessores precisam entender o que a cooperativa significa e sua importância no contexto do nosso negócio. Precisamos ter gestão, liderança, história e estrutura. Mas também precisamos ter como passar o bastão”, ressalta.

Pessoalmente, Edis considera que seu trabalho à frente da cooperativa é uma realização pessoal e profissional. “Consegui crescer junto e sobreviver a várias crises nestes 15 anos. As conquistas são sempre muito motivadoras e busco melhorar sempre. Estudo, aprimoro meus conhecimentos, procuro aconselhamento quando necessário. Assim como a Coana, sinto que estou no meio do caminho e que ainda há muito a fazer”.

Seu mandato como presidente termina em dezembro deste ano, mas ele nem se imagina longe das decisões da cooperativa. “Certamente vou continuar atuando como diretor ou de alguma outra forma”. Priscilla concorda: “É realmente o que ele nasceu para fazer”. Totalmente adaptados, também nem cogitam a ideia de deixar Petrolina. “É aqui que vamos ficar”, concluem.



“QUERÍAMOS FOCAR NA QUALIDADE E NA EXPORTAÇÃO DA NOSSA PRODUÇÃO. PARA ISSO, PRECISÁVAMOS INVESTIR EM CERTIFICAÇÕES INTERNACIONAIS. A COANA NASCEU VOLTADA PARA ESSAS CARACTERÍSTICAS.”

Edis Ken Matsumoto,
presidente da Coana

Conheça a COANA

A Coana é formada por 20 sócios proprietários de nove fazendas produtoras de uvas finas de mesa em Petrolina. São os mesmos sócios que participaram da fundação da cooperativa em 2005. O que mudou foi o número e o tamanho das fazendas que inicialmente totalizavam sete e tinham entre 35 a 50 hectares. Atualmente são nove fazendas de 45 a 120 hectares. Nelas, são produzidas 15 diferentes variedades de uvas verdes, vermelhas e negras, principalmente as sementes.

Quando foi criada, a Coana tinha foco exclusivo para a exportação, mas com a crise de 2008, passou a investir também no mercado interno. “Chegamos a exportar 95% da nossa produção. Tivemos, no entanto, um período muito difícil em 2008 quando a crise nos atingiu em cheio e tivemos ajuda do governo para evitar prejuízos maiores e passamos a inserir nosso produto também no mercado interno”, explica Edis.

Atualmente, 55% da produção ou 6 mil toneladas de uva são comercializadas no país e 45% (5 mil toneladas) são exportadas para países do norte da Europa (90%) como Inglaterra, Holanda, Bélgica, Alemanha, Suécia e Finlândia. Os outros 10% são comercializados nos Estados Unidos.



EM EDIÇÃO VIRTUAL, DIA C TRAZ HISTÓRIAS DE COOPERATIVAS QUE MOSTRAM SUA FORÇA E RESPONSABILIDADE SOCIAL COM INICIATIVAS E PROJETOS LOCAIS DE COMBATE AOS EFEITOS DA COVID-19.

Corrente do bem



Por Lílian Beraldo

Nem a pandemia afastou a vontade e a vocação das cooperativas de fazer o bem. A necessidade de procurar estratégias de enfrentamento ao novo coronavírus, com foco em manter a saúde das pessoas, levou milhares de cooperativas brasileiras a encontrar soluções locais — capazes de resolver os problemas das comunidades em que atuam. Algumas dessas iniciativas foram apresentadas ao público em julho, no Dia de Cooperar – Dia C.

Em 2020, a palavra de ordem é adaptação. Por isso, o Sistema OCB resolveu inovar na celebração do Dia C, com a realização de um evento virtual em 4 de julho. Transmitido pelo canal do SomosCoop no YouTube, foi uma grande celebração do Dia Internacional do Cooperativismo — comemorado no primeiro sábado de julho. Também foi a ocasião perfeita de mostrar como as cooperativas podem ser a solução em momentos de crise.

“O cooperativismo será ainda mais necessário em um mundo pós-pandemia. Neste exato momento, a socie-

“AS COOPERATIVAS SÃO INSTRUMENTOS DE ACELERAÇÃO DO CUMPRIMENTO DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA ONU, PELA ABRANGÊNCIA EM LARGA ESCALA E ATUAÇÃO DIRETA COM A SOCIEDADE.”

Haroldo Machado Filho,
assessor sênior do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

dade está gritando por novos modelos de negócios e desenvolvimento econômico. Todo mundo quer pensar e sair um pouco da caixa. Para acelerar tudo isso, a gente pega uma pandemia no contravento, capaz de antecipar mudanças e transformações”, destacou o presidente do Sistema OCB, Márcio de Freitas, que participou do evento de forma virtual.

Outra novidade foi a escolha de uma “madrinha” para o Dia C. Este ano, a convidada foi a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, que também reforçou, em sua mensagem, a importância das cooperativas neste momento de crise sanitária mundial.

“Com muito prazer venho participar com vocês no dia em que as cooperativas trazem os seus cases de sucesso sobre suas ações de responsabilidade social. Tive oportunidade de ler sobre o que foi feito neste ano e tenho certeza de que os cases terão grande sucesso e farão diferença na vida de pessoas. É uma honra ser madrinha deste evento”, destacou a ministra.

Desenvolvimento sustentável

O Sistema OCB aproveitou a celebração do Dia C para anunciar o lançamento de um curso a distância sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), construído em parceria com a ONU. O conteúdo apresenta os 17 objetivos e as 169 metas que fazem parte da Agenda 2030 — um plano de ação da ONU para transformar o mundo em um lugar melhor para todos. Entre os objetivos estão a erradicação da fome e da pobreza, a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres, consumo e produção responsáveis, trabalho decente e desenvolvimento econômico.

“O PNUD e o Sistema OCB são parceiros há vários anos, especialmente em torno do cumprimento da Agenda 2030 no Brasil. Acreditamos que as ações desenvolvidas pela OCB e pelo SESCOOP são capazes de potencializar ainda mais a contribuição do cooperativismo aos objetivos do desenvolvimento sustentável”, enfatizou Haroldo Machado Filho, assessor sênior do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Machado Filho destacou, ainda, que o interesse pela comunidade faz com que as cooperativas sejam consideradas instrumentos de promoção do desenvolvimento social local, além de parceiras e multiplicadoras naturais dos ODS e da Agenda 2030. Por isso, ele aproveitou a ocasião para fazer um convite a todos os cooperativistas: que conheçam melhor os ODS.

“As cooperativas são instrumentos de aceleração do cumprimento dos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, pela abrangência em larga escala e atuação direta com a sociedade. Além disso, elas propiciam benefícios de ordem econômica e social, sempre procurando respeitar o meio ambiente”, concluiu.

O curso gratuito sobre ODS já está disponível para os cidadãos no site capacita.coop.br — a plataforma de aprendizagem do cooperativismo brasileiro. O intuito é mostrar que, a partir deles, é possível identificar questões prioritárias para um processo de desenvolvimento em curto, médio e longo prazos. Após iniciar o curso, que tem carga de oito horas, o participante tem até 30 dias para a

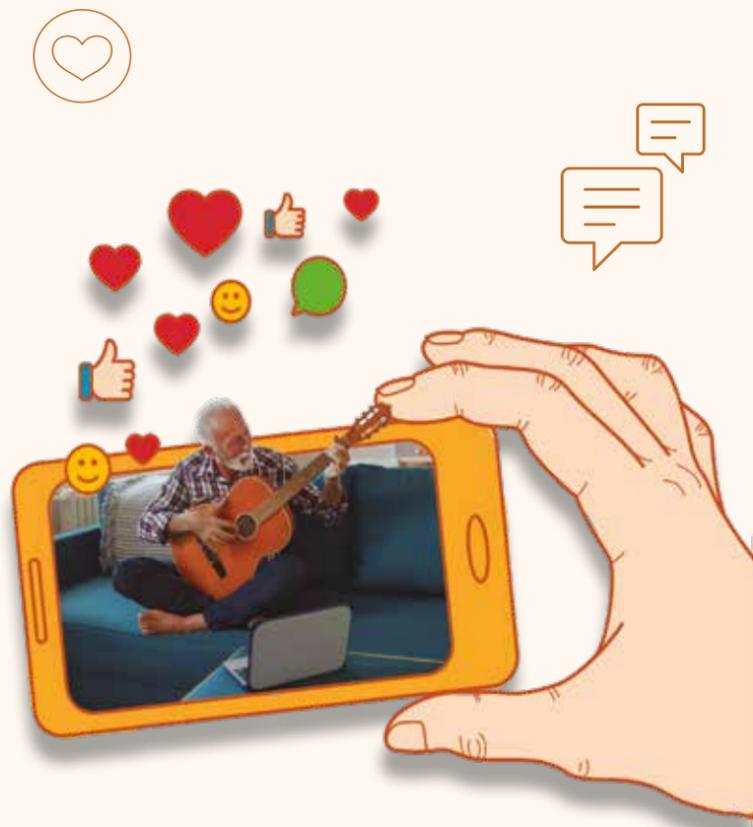
conclusão. Quem completar o curso e for aprovado na avaliação terá direito ao certificado.

Até setembro, também estarão disponíveis na plataforma outros cursos em parceria com o PNUD: *Cooperativismo e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*; *O Cooperativismo de Crédito e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*; *Como Desenvolver Projetos de Responsabilidade Social Ligados aos ODS*.

Painel do bem

Uma das grandes atrações do Dia C 2020 foi o Painel do Bem — um mosaico de iniciativas lideradas por cooperativas de todo o Brasil, que mostrava um pouco da generosidade e da responsabilidade social dessas instituições frente ao surto do novo coronavírus.

Foram elencados 10 exemplos de ações transformadoras que mostram como as cooperativas podem ser mitigadoras de efeitos nocivos da pandemia. O intuito era mostrar como atitudes simples podem fazer a diferença no dia a dia das comunidades. Além disso, o Painel do Bem tem o intuito de ser um repositório de bons exemplos: aqueles em que outras cooperativas podem se inspirar para apoiar suas comunidades. Confira:



Dispensa solidária

Idealizadora: Cooperativa Educacional de São Gabriel da Palha (Coopesg)

Estado: Espírito Santo

Ramo: Trabalho, Produção de Bens e Serviços

ODS atingidos: 2, 3, 10 e 12



No Espírito Santo, a Cooperativa Educacional de São Gabriel da Palha (Coopesg) resolveu ajudar comunidades carentes por meio de uma dispensa solidária de alimentos.

São Gabriel da Palha é famosa, no Espírito Santo, pela produção de café. O problema é que a pandemia teve início na época da colheita dos grãos, quando a cidade recebe muita força de trabalho vinda de outros locais. “O primeiro mês foi mais fácil [lidar com a pandemia] por causa da entrada do dinheiro do café, mas a colheita é muito rápida e essas famílias logo começariam a entrar em situação de risco. Foi por isso que a gente pensou em uma maneira de ajudá-las com os itens básicos de alimentação”, afirmou a presidente da Coopesg, Drayse Rigo Piske.

Baseada em uma experiência capixaba semelhante, a Coopesg resolveu instalar uma estante de aço com diversas prateleiras na comunidade de Boa Vista. Nesse local, são colocados os alimentos doados por colaboradores, cooperados e pela comunidade em geral. As pessoas retiram o que precisam, tendo o cuidado de não pegar para si nada além do necessário. Afinal, o objetivo é cooperar para que ninguém passe necessidade.

Desde abril, a cooperativa doou cerca de uma tonelada de alimentos, que beneficiaram cerca de 100 famílias da região.

“A iniciativa tem dado certo e a gente sempre coloca

alimentos diferentes na estante para que as pessoas possam pegar”, afirmou Drayse, explicando a intenção de ampliar a dispensa solidária para outros itens necessários à comunidade.

“Pensamos em continuar com o projeto, colocando também casacos — por causa da chegada do frio — e brinquedos nessas estantes. A gente não quer ficar só no alimento”, completou a presidente.

Criada há 27 anos, a Coopesg congrega cerca de 200 alunos, da educação infantil ao 9º ano do ensino fundamental. A escola aposta em disciplinas inovadoras no currículo, como robótica e a Escola da Inteligência — programa do professor Augusto Cury que dá lições sobre inteligência emocional e trabalha com crianças e adolescentes questões a respeito da proatividade e de como lidar com ansiedades e frustrações.

Presidente da Coopesg desde 2015, Drayse começou sua caminhada no cooperativismo como mãe, em 2000, quando matriculou o primeiro filho, hoje com 21 anos, na educação infantil. “Era uma escola que fazia a diferença em relação a outras escolas. Os projetos, as características, os professores, a maneira de ensinar, a preocupação com a qualidade, com o sistema de ensino. Sempre gostei da maneira que eles trabalham enfatizando a importância da cooperação com os alunos, em especial, com os menores. E eu queria isso para os meus filhos também”, explicou.



Parceria sustentável

Idealizadora: Cooperunião

Estado: Espírito Santo

Ramo: Trabalho, Produção de Bens e Serviços

ODS atingidos: 3, 10, 12 e 17



O intuito de ajudar durante a pandemia contagiou também os jovens da cooperativa mirim (CooperUnião) — formada por cerca de 50 alunos da Coopseg (**veja história anterior**) — que decidiram produzir sabonete líquido para doação. Inicialmente, a ideia era fazer álcool em gel, mas, depois de alguns estudos, os alunos descobriram não ser uma opção viável, já que não havia garantia de que o álcool doméstico teria o percentual necessário e efetivo para combater o vírus.

Para dar início à produção dos sabonetes, os alunos foram à luta: conseguiram doação dos frascos, pelo Sicoob, e dos sabonetes em barra, pelas famílias.

A transformação — do produto em barra para o líquido — foi feita pelos próprios jovens, que ralavam o sabonete em casa e levavam para a escola, para

finalizar a produção, sempre feita em escalas de, no máximo, três alunos e a professora orientadora. Todos com máscaras.

“A sensação de ajudar é incrível. É muito prazeroso ver que, de alguma forma, a gente está podendo ajudar as pessoas aqui da cidade”, afirma a presidente da CooperUnião, Esther Teodoro Piske, 12 anos.

Também por causa da pandemia, os jovens não puderam distribuir os sabonetes líquidos como queriam. Por isso, eles procuraram a Secretaria de Assistência Social, que garantiu a entrega dos frascos a programas sociais em andamento no município. A estimativa é que mais de 200 frascos de sabonete líquido tenham sido entregues a adolescentes, pessoas em situação de rua e gestantes.



Uma mão lava a outra

Idealizadora: Cooperativa de Trabalho Agrícola, Assistência Técnica e Serviços (Coates)

Estado: Pernambuco

Ramo: Trabalho, Produção de Bens e Serviços

ODS atingidos: 3, 6, 10, 11 e 12



No município de Barreiros, no interior de Pernambuco, uma cooperativa resolveu ajudar no combate à Covid-19 unindo duplamente a conscientização — tanto pelo lado da higiene quanto do meio ambiente.

Para atingir esse objetivo, a Cooates construiu um lavatório móvel a partir de material reciclado como pneus usados. O objetivo? Garantir ao sertanejo acesso fácil à higiene das mãos, com água, sabão líquido e papel toalha.

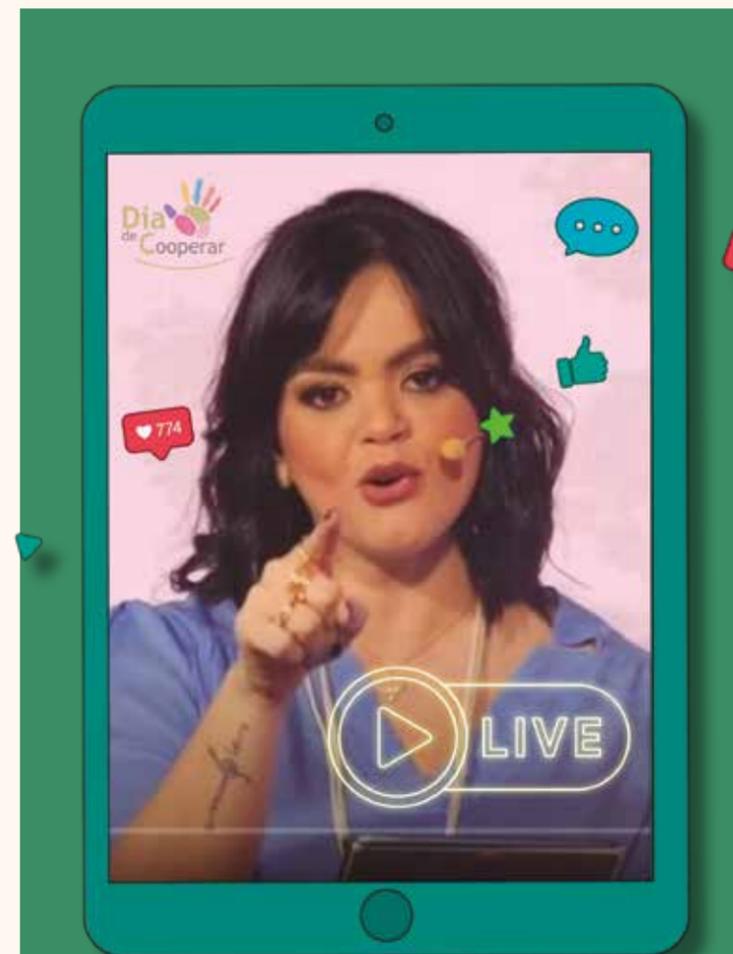
“A ideia surgiu da própria necessidade. A gente observou que no município estava tendo muita gente no comércio e não tinha nenhum local público onde as pessoas pudessem higienizar as mãos. Foi pensando nisso que a gente resolveu criar um lavatório usando materiais recicláveis, pensando na questão ambiental também. Um espaço que atendesse a comunidade e tivesse um apelo social, do ponto de vista da proteção ambiental”, explicou o presidente da cooperativa, José Cláudio Silva.

O lavatório fica no centro da cidade onde as pessoas mais transitam, em frente a uma farmácia — loja com a qual a Cooates fez uma parceria para a cessão do ponto de água para o abastecimento da bomba d’água, do sabonete líquido e do papel toalha.

A estimativa é que cerca de três mil pessoas tiveram acesso ao lavatório da Cooates, instalado no início de maio.

“Nossa ideia era ajudar na diminuição da Covid-19 por meio da lavagem das mãos, criando hábitos de higiene que a pessoa pode levar para casa e ampliar no dia a dia, e fazendo um alerta também para a necessidade de cuidarmos do meio ambiente”, destacou o presidente da Cooates, cooperativa que tem atuação nas áreas de assistência técnica e extensão rural, qualificação profissional, reflorestamento e agroecologia.

A cooperativa já prepara mais dois lavatórios móveis: um a pedido da igreja local e outro a pedido da igreja de Tamandaré.



Dia de celebrar

A primeira *live* do Dia C foi um evento realmente festivo e familiar. O evento contou com apresentações artísticas do Grupo Sou Arte — que faz um trabalho de resgate de jovens em situação de vulnerabilidade — e também da Caixa Cênica, companhia teatral que apresentou a obra *Deu a louca na Magia*, adaptada ao contexto cooperativista.

A transmissão foi capitaneada por uma colaboradora da Casa do Cooperativismo, Gisele James, que, assim como tantos outros cooperativistas, aceitou o desafio de comandar ao vivo uma *live* com cerca de três horas de duração. O show exclusivo de encerramento foi do grupo mineiro Skank — uma iniciativa do Sistema Ocemg que contou com o apoio do Sistema OCB.

**CONGRESSO APROVA
QUATRO LEIS
FAVORÁVEIS AO
COOPERATIVISMO
DURANTE OS
PRIMEIROS MESES
DA PANDEMIA**

Por Morillo Carvalho

Assim como você, nós continuamos trabalhando a pleno vapor, ainda que remotamente. Aqui em Brasília, a pauta do Congresso Nacional passou a girar em torno de medidas que ajudem o país a superar os impactos da Covid-19. E nós seguimos acompanhando cada proposta que impacta direta ou indiretamente a sua cooperativa e o cooperativismo.

Em conjunto com a Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop), a equipe do Sistema OCB tem proposto emendas, discutido vetos, apresentado propostas e lutado pelos nossos direitos. "Em tempos de exceção como este, é fundamental estarmos atentos ao que acontece junto aos Três Poderes para evitar que nosso modelo de negócio não seja contemplado em propostas de fomento à recuperação dos diferentes setores da economia", explica a gerente de Relações Institucional do Sistema OCB, Fabíola Nader Motta.

Ela cita como exemplos duas leis aprovadas nos primeiros meses do afastamento social: a Lei Aldir Blanc, que garante auxílio emergencial para o setor cultural, e a Lei de Doações de Alimentos, cujo objetivo é permitir a doação desses insumos sem que se crie, com isso, relação de consumo entre doador e beneficiado. Confira como esses assuntos impactam o cooperativismo:

**SEIS MESES
NO CONGRESSO**

87

pleitos cooperativistas foram apresentados ao Congresso Nacional pelo Sistema OCB no primeiro semestre de 2020

37

destes pleitos já foram atendidos

2.079

projetos de lei sobre a Covid-19 circulam no Legislativo

1.064

desses projetos impactam direta ou indiretamente o cooperativismo

**Conquistas
DA COOPERAÇÃO**



ASSEMBLEIAS VIRTUAIS

Lei nº 14.030/2020

Agora é lei! As cooperativas brasileiras já podem realizar assembleias gerais de forma virtual permanente. Depois de forte atuação da OCB e da Frencoop no Congresso Nacional, a matéria foi votada e encaminhada para a sanção presidencial, que ocorreu no dia 27 de julho. Assim, a Lei nº 14.030/20 altera a Lei nº 5.764/71 e permite a participação de cooperados, bem como a votação dos assuntos de maneira virtual.

A nova legislação também aborda outra questão importante: em 2020, por conta da pandemia, ela permitiu a realização das Assembleias Gerais Ordinárias (AGOs) até o dia 30 de setembro. No próximo ano, o prazo volta a ser no mês de abril, mas continua vigorando a possibilidade de realizá-las de forma virtual.

“Esse é um marco legal muito significativo para o cooperativismo brasileiro, pois permite que as cooperativas utilizem as novas tecnologias para realizar suas assembleias, fato que facilita tanto a participação dos cooperados quanto à preservação das transparências da gestão”, avalia o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas.

Para a presidente do Conselho de Administração e diretora executiva do Sicoob Coopjus, Regina Dinelli, esta foi uma grande

conquista. “Devido à pandemia da Covid-19 fomos impedidos de realizar nossas assembleias presenciais a fim de evitar aglomerações e assim cumprir as recomendações do Ministério da Saúde e demais órgãos sanitários. A MP forneceu, ainda, um prazo adequado para avaliarmos os impactos da pandemia na vida dos cooperados”, relata.

Em relação à possibilidade de realizar as assembleias de forma não presencial, mais comemoração: “não estamos poupando esforços de comunicação, treinamentos com a equipe e com os cooperados na utilização dos aplicativos necessários para realização desse tipo de evento como: Moob e Zoom. Inclusive fizemos duas simulações de assembleias com grande sucesso”, diz. E completa, dizendo que este formato pode ser o “novo normal” da Sicoob Coopjus: “este é um caminho irreversível, que poderá gerar maior economia para as cooperativas,

maior participação dos cooperados e acessibilidade a todos que estão distantes da sede”.

A Lei nº 14.030 amplia a permissão de realização de AGOs em 2020 até nove meses (setembro) após o término do exercício social. O texto assegura, também, a continuidade dos mandatos até o momento da AGO.



“ESSE É UM MARCO LEGAL MUITO SIGNIFICATIVO PARA O COOPERATIVISMO BRASILEIRO”

Márcio Lopes de Freitas,
presidente do Sistema OCB

Serviço

Para saber mais sobre como realizar sua AGO virtual, acesse o **e-book explicativo** ou o **curso on-line**. Vale ressaltar: a cooperativa Cooper-system (DF) oferece o *software* Curia para realização de AGOs virtuais. Neste ano, por conta de uma parceria com a OCB, o aplicativo é gratuito (<http://curia.coop>).



e-book



curso on-line



PRONAMPE

Lei nº 13.999/2020

Sancionada no fim de maio, prevê a abertura de linhas de crédito especial para microempresas e pequenos negócios. É permitido contratar financiamentos de até 30% do faturamento do ano anterior, nos empreendimentos com mais de um ano de existência. No caso de empreendimentos mais recentes, faz-se uma média do faturamento mensal do período em que esteve aberto.

Para a gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB, Fabíola Motta, o principal ganho do cooperativismo neste caso “foi o reconhecimento do papel das cooperativas de crédito na distribuição dos recursos do Pronampe. Uma das primeiras instituições que conseguiram se cadastrar pra fazer a distribuição foi o Bancoob”, comenta.

Só para se ter uma ideia do volume de recursos distribuídos via Pronampe, até o dia 02 de agosto

de 2020, o Sicoob já tinha liberado R\$ 1,19 bilhão para 17.112 empresas. Já o Sicredi tinha assinado 14.204 contratos no valor de R\$ 714,15 milhões.

Outra cooperativa de crédito apta a conceder empréstimos pelo programa é a Cresol. Tradicionalmente trabalhando com crédito agropecuário, a cooperativa começou a ampliar, em 2019, a oferta de recursos para empresários de pequenos e médios municípios.

“Com essas novas linhas, como o Pronampe, o governo sinaliza o apoio aos micro, pequenos e médios empresários, mostrando que entende a necessidade de apoiar o empresariado brasileiro neste cenário de dificuldades econômicas, principalmente neste momento tão delicado que estamos passando”, diz o diretor administrativo da Cresol Sudeste de Minas, Anderson Gonçalves. “As empresas precisam de fôlego

para continuarem suas atividades econômicas e produtivas quando tudo isso passar”, completa.

Para a Cresol Sudeste de Minas, a experiência é positiva: “é uma excelente oportunidade de estarmos mais próximos das micro e pequenas empresas, e isso nos deixa muito felizes”, completa Anderson. A cooperativa tem sede em Muriaé, município com mais de 86 mil habitantes.

Vale destacar: as linhas do Pronampe têm prazo de 36 meses, com oito meses de carência para o pagamento da primeira parcela. Dessa forma, o tomador só começa a pagar o financiamento no nono mês, desembolsando 28 prestações com juros máximos equivalentes à taxa Selic (juros básicos da economia), mais 1,25% ao ano. Com a Selic em 2,25% ao ano, a taxa máxima soma 3,5% ao ano.



Fabíola Motta
gerente de Relações
Institucionais do
Sistema OCB

LEI ALDIR BLANC

Lei 14.017/2020

Sancionada em 29 de junho, essa lei — que recebeu o nome de um dos maiores compositores brasileiros, falecido em maio, vítima da Covid-19 — prevê a destinação de R\$ 3 bilhões para garantir renda de R\$ 600 a trabalhadores da cultura, ou subsídios de R\$ 3 a R\$ 10 mil para manutenção de espaços artísticos e culturais, micro e pequenas empresas culturais, instituições e organizações culturais comunitárias e... cooperativas. Sim, graças a um intenso trabalho de representação política, conseguimos garantir a menção expressa às cooperativas nessa lei. Com isso, garantimos legalmente nosso direito a pleitear os benefícios previsto para o setor.

A produtora cultural Marília de Lima, que trabalhou por seis anos na Cooperativa Cultural Brasileira, comemorou a aprovação da Lei. “Infelizmente a área cultural, criativa e do entretenimento é a primeira que para e, provavelmente, será a última a voltar. Por isso, essa lei é de extrema importância para o setor”, explica.

A Lei Aldir Blanc atende artistas, contadores de histórias, produtores, técnicos, curadores, trabalhadores de oficinas culturais e professores de escolas de arte e capoeira que estejam sem emprego formal, com comprovada atuação na área nos últimos dois anos e renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa da família. No caso das instituições — entre elas, as cooperativas — há uma relação direta entre a execução do fazer artístico e o funcionamento administrativo. Daí, a importância do auxílio para a manutenção desses espaços.

“Muitas cooperativas, associações e empresas desenvolvem projetos e têm uma estrutura que precisa ser mantida. E como não está sendo possível se apresentar, elas estão financeiramente descobertas. Então, é interessante saber que poderão contar com uma verba para tentar se manter nesse período. É mais um pontinho que a cultura acaba ganhando”, defende Marília.

Cabe, é claro, lembrar do importante papel desenvolvido pelo setor cultural no decorrer da pandemia. Basta se perguntar: quantas *lives*, filmes e programas de televisão você já assistiu? Quantos livros leu? “Um dos grandes salvadores para que as pessoas fizessem isolamento social foi poder acessar a cultura das mais variadas formas. Agora tem até empresa se especializando em *lives*, uma parte do mercado que a arte ainda era um pouco reticente”, conclui.



LEI DE DOAÇÃO DE ALIMENTOS

Lei nº 14.016/2020



Parece mentira, mas supermercados, restaurantes e cooperativas de produção de alimento às vezes se viam impedidos de realizar doação de alimentos por questões burocráticas. Por isso, a pandemia levou o governo a aprovar uma lei para regular a doação de alimentos *in natura*, produtos industrializados e refeições prontas, todos ainda próprios para o consumo humano.

De acordo com a nova legislação, os itens devem estar dentro do prazo de validade e em condições de conservação especificadas pelo fabricante. A integridade e a segurança sanitária não podem ter sido comprometidas, mesmo que haja danos à sua embalagem. Para serem doados, os alimentos devem ter as propriedades nutricionais mantidas, ainda que tenham sofrido dano parcial ou apresentem aspecto comercialmente indesejável.

“A lei é fruto de uma pressão da sociedade civil, da agricultura familiar, da articulação de agroecologia e várias organizações e federações que fizeram a pressão. Porque os agricultores estão perdendo a produção no campo, num período desse, em que a sociedade passa necessidade. Precisa de comida”, disse Generosa Oliveira, da Cooperativa Cedro, do interior fluminense. “Não é uma benevolência do governo, mas o resultado de toda uma pressão para que a sociedade civil pudesse participar”, defende.

Ela destaca o papel especial da agricultura familiar para a aprovação da Lei: “principalmente a

agricultura familiar, que é responsável por 70% do abastecimento de alimentos do Brasil”.

De acordo com a Lei, o governo federal deverá comprar alimentos preferencialmente de agricultores familiares e pescadores artesanais, que não podem vender sua produção de forma direta em razão da suspensão de funcionamento de feiras e outros equipamentos de comercialização. “Então, não seria justo que a agricultura familiar não fosse beneficiada. Daí a pressão para que se participasse do processo. Mas, infelizmente, mesmo com a Lei, nem todos os municípios e estados cumprem”, lamenta Generosa.

LEI DE DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS DO PNAE

Lei nº 13.987/2020



As famílias dos estudantes beneficiados pelo **Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)** vão continuar recebendo alimentos durante o período de isolamento social imposto pela Covid-19. O presidente da República sancionou em abril a Lei nº 13.987/2020, que garante a distribuição de alimentos para os alunos beneficiários do PNAE em situações de emergência e calamidade pública.

Além das famílias, os cooperados e agricultores familiares também serão beneficiados pela medida, tendo em vista que 30% dos insumos alimentares são obrigatoriamente adquiridos da agricultura familiar.

Vale destacar: inicialmente, o projeto que deu origem à Lei abria a possibilidade de os recursos

financeiros do PNAE serem repassados diretamente às famílias — o que, apesar de meritório, teria impacto negativo nos agricultores familiares, que ficariam sem parte da sua renda neste momento delicado de crise. Para evitar que isso acontecesse, deputados da Frencoop e de outras frentes parlamentares relacionadas à agricultura se uniram para mudar a redação do texto.

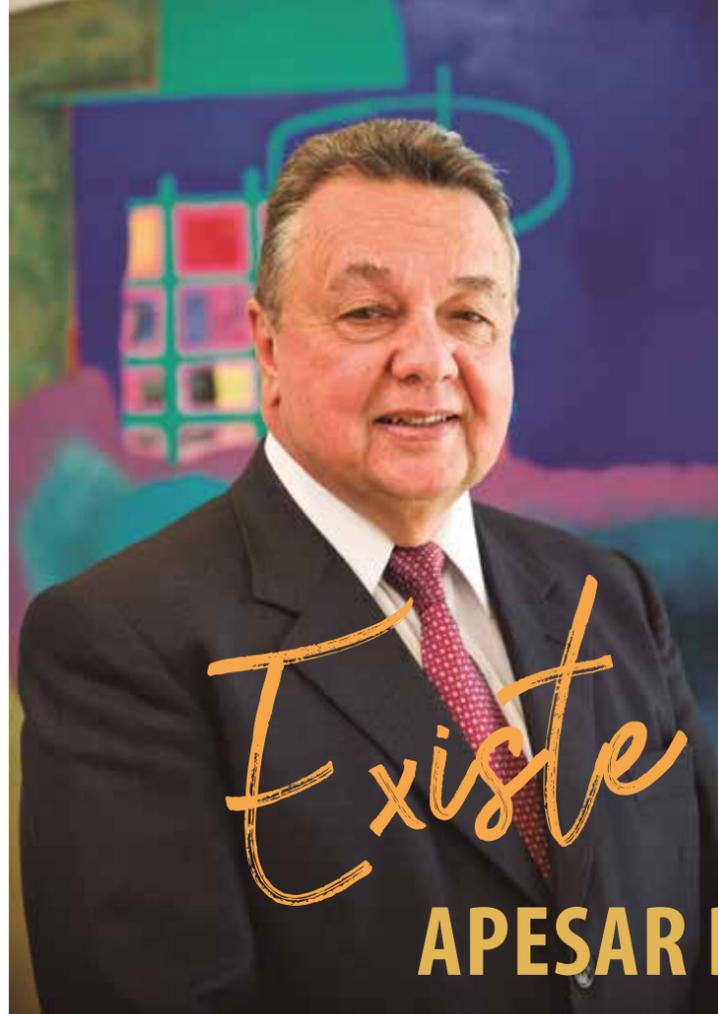
O relator do projeto — deputado Zé Silva (MG), membro da diretoria da Frencoop — apresentou parecer para que as famílias dos alunos beneficiados pelo PNAE recebessem os gêneros alimentícios produzidos pelos agricultores familiares diretamente. Isso representa uma vitória para a agricultura familiar, que vai continuar produzindo e vendendo seus

produtos, e para os alunos, que irão receber seus alimentos em casa.

A garantia do pleno funcionamento do PNAE é uma das bandeiras do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) para enfrentar esse momento de instabilidade. “O governo está trabalhando para construir uma proteção social para aqueles que mais precisam e as cooperativas estão no nosso foco. Estamos trabalhando com o Sistema OCB porque sabemos que esse apoio será importante para superarmos a crise”, afirmou Fernando Schwank, secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo do Mapa.

A OCB segue atenta e trabalhando para minimizar os impactos econômicos e sociais da crise em nossas cooperativas e cooperados.

Política pública que beneficia todos os alunos da rede pública de ensino básico e também os pequenos produtores rurais. Regulado pela Lei 11.947/2019, o PNAE estabelece que todas as prefeituras e secretarias estaduais de educação são obrigadas a aplicar pelo menos 30% das verbas recebidas do programa na compra de produtos oriundos da agricultura familiar.



Existe beleza, APESAR DA PANDEMIA

POR ROBERTO RODRIGUES*

Tempos difíceis esses de isolamento. Longe de tudo e de quase todos, as pessoas realmente acabam se voltando para dentro de si mesmas, questionando velhos temas — como o sentido da vida, o valor da família e o das amizades verdadeiras —, às vezes, fazendo exames de consciência, e em geral assumindo compromissos de “melhorar”.

Mas, à medida que vão passando as semanas, um certo cansaço do confinamento também chega, com uma sensação de inutilidade, de estar “devendo” alguma coisa, de não estar cumprindo suas tarefas. E são tantos os debates a que a gente assiste todos os dias, tantos eventos em que outras pessoas estão fazendo o que delas se espera em suas diferentes atividades, que fica a impressão de estarmos numa estrada “vagabundagem”.

Não adianta participar virtualmente de reuniões de Conselhos, de palestras, entrar em debates, dar entrevistas, escrever artigos, receber audiências, gravar vídeos, falar ao telefone com um mundo de gente...

Ainda sobra tempo. Claro, tudo tem que ser mais objetivo, não acontece o célebre cafezinho das reuniões, as conversas vão sempre “direto ao ponto”.

Com isso, realmente dá para ver filmes, ajudar na casa, ler, estudar e, naturalmente, pensar bastante sobre os mais díspares assuntos. Estou “internado” na fazenda de meus filhos — que foi de meus pais, depois minha, e na qual morei décadas, desde 1948. E tenho usado uma parte do tempo para observar tudo o que acontece ao redor da casa, de onde saio apenas no fim da tarde para uma caminhada ou, eventualmente, fazer um giro para ver os serviços em andamento, de colheita, de plantio, de tratos culturais, enfim, de tudo o que acontece todos os dias, em todos os anos, nas fazendas produtivas que se ocupam de agricultura.

E encontrei um derivativo para o tempo disponível, que nem é tanto: apreciar a beleza.

Levanto muito cedo, ainda escuro, e vou para o terraço da casa. E acompanho o milagre da natureza.

Assisto ao sol espreguiçando no raiar da alvorada em seu leito eterno, o horizonte, levantar-se lentamente e “acender” o dia. Só isso já é de uma beleza extraordinária!

Logo depois, o silêncio da madrugada vai sendo rompido. Começa com o João-de-Barro convocando a família para construir suas casas. Logo depois, corruínas saem do ninho e fazem a sua saudação trina ao amanhecer. E vêm em seguida sabiás, bem-te-vis, e pombas de todas as tribos arrulham ao longe, e se aproximam. Há uma alegria no ar quando cada espécie vai em busca do seu desjejum, representado por milhões de insetos que cortam o ar ou se escondem no gramado, e pelas sementes abundantes em toda a vegetação outonal. À medida que o sol se desprende do seu berço, as cores vão se revelando: diferentes tons de verde distinguem as espécies arbóreas, e as flores amarelas, rubras ou rosadas colore o mundo. Paineiras na plenitude floral deixam o chão cor de rosa ou se oferecem como contraste ao azul-celeste de infinita suavidade. E aí chega a turma barulhenta: papagaios, maritacas e periquitos vão sugar o melzinho do cálice das flores das paineiras. Junto vêm as curicacas, “pastando” no gramado verde os insetos atraídos pelas luzes da sede, aos quais se somam bandos de canarinhos-da-terra, amarelinhos, tingindo o verde da grama. É uma beleza sem fim, que se apresenta gratuita.

A brisa matinal começa a soprar, trazendo musicalmente os aromas todos conhecidos há décadas, e

mesmo assim misteriosos.

Quando as últimas sombras da noite vão embora, há outra melodia, mais rouca, mas igualmente bela: é o ronco dos motores de máquinas e caminhões acionados por esses heróis anônimos que dia após dia, ano após ano, saem de suas casas no escuro da madrugada e vão fazer aquilo que sabem e que todos amamos: produzir para abastecer as mesas de cidadãos do Brasil e do mundo todo.

É muita beleza! Que alimenta a alma e ensina a lição suprema: a atividade agropecuária é determinada pela natureza, mandatoriamente. É ela que informa a hora de plantar, de cultivar e tratar, de colher. É ela, a natureza, que estabelece a forma pela qual se organizam as cadeias de distribuição, desde o campo até o prato.

Assim passa o dia. Todos os dias. Não importa se você está triste ou feliz, se chove torrencialmente, se está garoando ou pegando fogo lá fora, se faz calor escaldante ou se tem geada: o dia passa, o tempo passa, sob a batuta dessa maestrina suprema nomeada pelo Criador, a natureza.

E a noite virá de novo, “quando os passarinhos tristonhos terminam o seu cantar e os pirilampus risonhos começam a iluminar”, e outra beleza surge soberana: a lua, fonte milenar de inspiração para poetas e apaixonados de milhares de gerações.

E então bate uma saudade, morna, difusa, daquilo que ainda não foi vivido...■

**É MUITA BELEZA!
QUE ALIMENTA A
ALMA E ENSINA A
LIÇÃO SUPREMA:
A ATIVIDADE
AGROPECUÁRIA
É DETERMINADA
PELA NATUREZA,
MANDATORIAMENTE.
É ELA QUE INFORMA A
HORA DE PLANTAR, DE
CULTIVAR E TRATAR, DE
COLHER.**

*Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas

Fisicamente distantes,

PORÉM MAIS CONECTADOS DO QUE NUNCA



Ilustração: Kleber Sales



PRÊMIO
**somos
coop**
MELHORES DO ANO

Escreva o nome da sua cooperativa na história do **cooperativismo**.

Escolha os cases de maior impacto de sua cooperativa, veja a categoria em que se enquadram melhor e participe!

> melhores.premiosomoscoop.coop.br

Inscrições até **3 de setembro**

somoscoop

44 SistemaOCB

Acessou inova.coop, acessou inovação.

CURSOS ONLINE

Conhecimento para
levar sua coop
ainda mais longe



CONEXÃO COM STARTUPS

Sua coop conectada
com soluções
inovadoras

INOVAÇÃO NA PRÁTICA

Ferramentas e dicas
para fazer a
inovação acontecer

FIQUE POR DENTRO

Informações,
tendências e reflexões
sobre inovação no
mundo coop

RADAR DA INOVAÇÃO

Cases de inovação
de cooperativas do
Brasil e do mundo

APROVEITE EM INOVA.COOP.BR